

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE

CURSO DE BACHARELADO EM NUTRIÇÃO

VIVIANY MOURA CHAVES

**A POÉTICA DOS RESÍDUOS DA CINDERELA DO
LIXO: Carolina Maria de Jesus em seu *Quarto De
Despejo***

Cuité-PB

2015

VIVIANY MOURA CHAVES

A POÉTICA DOS RESÍDUOS DA CINDERELA DO LIXO:

Carolina Maria de Jesus em seu *Quarto de Despejo*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição, com linha específica em Alimentação, cultura e sociabilidades na sociedade atual.

Orientador (a): Prof. (a). Dra. Michelle Cristine Medeiros da Silva.

Cuité-PB

2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

C512p

Chaves, Viviany Moura.

A poética dos resíduos da Cinderela do lixo: Carolina Maria de Jesus em seu quarto de despejo. / Viviany Moura Chaves. – Cuité: CES, 2015.

100 fl.

Monografia (Curso de Graduação em Nutrição) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2015.

Orientadora: Dra. Michelle Cristine Medeiros da Silva.

1. Alimentação. 2. Literatura. 3. Carolina Maria de Jesus.
I. Título.

CDU 612.3

VIVIANY MOURA CHAVES

A POÉTICA DOS RESÍDUOS DA CINDERELA DO LIXO:

Carolina Maria de Jesus em seu *Quarto de Despejo*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição, com linha específica em Alimentação, cultura e sociabilidades na sociedade atual.

Aprovado em ____ de _____ de _____ .

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Michelle Cristine Medeiros da Silva
Universidade Federal de Campina Grande
Orientadora

Profa. Msc. (a) Vanille Valério Barbosa Pessoa Cardoso
Universidade Federal de Campina Grande
Membro interno

Profa. Esp. (a) Rejane Pinheiro da Silva
Universidade Vale do Acaraú
Membro externo

Cuité-PB

2015

Aos meus pais pela fé e aposta na sua filha caçula.

Aos estudiosos que, famintos, se dedicam a alimentar seus conhecimentos
sobre o denso buraco negro da fome.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Michelle Medeiros pela plena dedicação e cuidado nas orientações. Agradeço por, sabiamente, ter me ensinado, me lapidado durante esses dois anos, revelando caminhos até pouco tempo desconhecidos. Agradeço ainda à amiga pela amorosidade, sábias palavras e saídas importunas. À ela: meu eterno obrigada cheio de afeto e gratidão.

À professora e tutora Vanille Pessoa, alguém que tenho um imenso carinho e que sempre me incentivou a viver intensamente a universidade. Serei sempre grata pela aposta no meu potencial, confiança e pelas aberturas de portas.

À professora Poliana Palmeira por ter despertado em mim a paixão pela pesquisa e por ter sido essencial na minha graduação. Agradeço ainda pelas contribuições para este trabalho e pela partilha do conhecimento, principalmente, no âmbito das pesquisas quantitativas. Com certeza seus ensinamentos ecoarão sempre na minha memória.

À professora Rejane Pinheiro pelo aceite e disposição em participar desta banca.

Aos meus amados pais, Adilson Chaves e Leni Moura, por terem suportado, saudosos, os quase 5 anos longe do convívio com a filha caçula. Sou grata pela educação que me deram e pelo amor depositado. Em especial à Dona Leni, minha mainha, aquela que é digna do meu amor por inteiro e que sempre me apoiou, mesmo relutante, nas minhas decisões.

À minha irmã Priscila Moura por ser minha melhor parceira e pelo o sangue em comum.

À minha queridíssima amiga Arcelianne Moura pela compreensão, confidências e parceria nas tantas outras vidas que tivermos.

Ao meu irmão Mikael Bernardo por ser um amigo tão incrivelmente leal e afetuoso.

Ao amigo Mário Márcio pelo cultivo da amizade, cuidado e pelos bons goles de festejo da vida.

Às parceiras da casa laranja de esquina: Íris Costa, Victória Bertoldo, Larissa Dutra e Darlenne Pontes. Somos a diversão personificada.

Aos amigos de longas datas que fazem bem pra alma: Thaise Tavares, Deborah Zilli, Luiza Medeiros. Em especial, ao amigo Bruno Freire pela contribuição com o abstract deste trabalho.

Ao Núcleo PENSO pelas oportunidades ilimitadas e densas experiências. O que me tornei hoje como aluna e pesquisadora devo a este espaço. Agradeço ainda aos amigos e parceiros de equipe que se tornaram uma família para mim, em especial, aos “nucleotídeos da velha guarda”.

Ao PET Nutrição pelos anos de aprendizagem, amadurecimento e noites em claro. Além do conhecimento acadêmico-científico, meu maior ganho foram os meus amigos Petianos de guerra – 1ª, 2ª e 3ª geração – que serão cuidadosamente guardados no meu coração.

Ao Grupo GULA pela partilha da ciência, discussões incessantes e momentos de comensalidade. Tenho orgulho de ter sido parte disto.

À turma de Nutrição 2011.2 pelos mais brilhantes e obscuros momentos da minha graduação. Tudo foi válido. Em especial às futuras nutricionistas: Miny Nóbrega, Rayanne Bezerra e Bruna Matias.

Ao grupo “Alegria de Viver” pelas manhãs das sextas-feiras, ao som da zumba, e pelos laços formados. À Dinha por simplesmente ser maravilhosa em todos aos aspectos.

“Gente é pra brilhar,
Não pra morrer de fome.”

Gente, Caetano Veloso.

RESUMO

CHAVES, V.M. **A dieta do favelado: Carolina Maria de Jesus em seu Quarto de Despejo**. 2015. 100f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2015.

A literatura traz possibilidades de estudos para compreender fenômenos ligados à condição humana. A obra *Quarto de despejo*, da autora Carolina Maria de Jesus, foi utilizada neste trabalho como objeto de conhecimento, como *corpus* de pesquisa para compreender o fenômeno da fome, sob a ótica da Segurança Alimentar e Nutricional. Para alcançar o objetivo desta pesquisa, foi realizada a leitura integral da obra, bem como a elaboração de um arquivo digital que subsidiou *a posterior* análise dos dados. Os dados da pesquisa foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo de Bardin que consistiu em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados, inferências e interpretações. Os resultados encontrados na investigação foram sistematizados em quatro tópicos de análises: (1) a fome é tratada como uma iniquidade social, sendo desvelada através da violação do Direito Humano à Alimentação Adequada e dos produtos deste regime de carência; (2) a mesa do favelado pode ser caracterizada pelos tempos de abundância e escassez, onde a comida significa meio de sobrevivência; (3) a escrita funciona como mecanismo para produção de uma poética da dignidade no contexto da fome, (4) come-se, bebe-se, vive-se em um espaço insalubre: a favela o quarto de despejo da humanidade. Acredita-se que refletir sobre este fenômeno alimentar possibilita adentrar num imaginário denso de significações que vai além de interpretações objetivas. Através da escrita caroliana pode-se compreender como os sujeitos em situações de precariedade alimentar entendem, enfrentam e resolvem este problema. Portanto, observa-se a importância de formar nutricionistas com um olhar ampliado sobre o ato alimentar, principalmente dentro de contextos de injustiças sociais.

Palavras-chave: fome, alimentação, literatura, Carolina Maria de Jesus.

ABSTRACT

CHAVES, V.M. **The diet of the slum: Carolina Maria de Jesus on her *Quarto de Despejo***. 2015. 100f. Work completion of course (Undergraduate Nutrition) - University Federal of Campina Grande, Cuité, 2015.

The literature brings studies that provide a better understanding of the phenomena linked to the human condition. The work of Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, was used in this study as an object of knowledge in the corpus of the research to understand the phenomenon of hunger, from the perspective of the Food and Nutrition Security. To achieve the objective of this research, a full reading of the work was carried out and as well as the development of a digital file that subsidized *the subsequent* data analysis. The survey data were analyzed according to Bardin's content analysis technique that consisted of three stages: pre-analysis, material exploration and processing of data, inferences and interpretations. The results found in the investigation were organized into four topics of analysis: (1) hunger is treated as a social inequity, being unveiled through the Violation of the Human Right to Adequate Food and the products of this lack of regime; (2) the table of the slum can be characterized by times of abundance and scarcity, where food means ways of survival; (3) the writing works as a mechanism for producing a poetic dignity in the context of hunger, (4) eat, drink up, we live in an unhealthy space: the slum storage room of humanity. It is believed to reflect on this phenomenon enables entering in a dense imagery of meanings that go beyond objective interpretations. By the caroliana writing, it is understandable how people, in food insecurity situations, understand, face and resolve this problem. Therefore, it is clearly seen the importance of forming nutritionists with an enlarged look on the act of feeding, especially in contexts of social injustices.

Keywords: hunger, food, literature, Carolina Maria de Jesus.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais produções literárias de Carolina Maria de Jesus.	43
Quadro 2 - Modelo de grelha usado na construção do arquivo digital....	54
Quadro 3 - Citações de Carolina Maria de Jesus sobre suas crises emocionais e psicológicas.....	60

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Sátira em gravura “ <i>Un petit soupèr a la Parisiènne</i> ”	22
Imagem 2 – Retrato da Segunda Guerra Mundial.....	23
Imagem 3 – Escultura de bronze “ <i>Sad memory of childhood</i> ”	23
Imagem 4 – <i>Os Retirantes</i>	36
Imagem 5 – <i>A Fome e o brado</i>	36
Imagem 6 – Carolina Maria de Jesus e filhos.....	45
Imagem 7 – Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas.....	45
Imagem 8 – Lançamento do livro Quarto de Despejo.....	45
Imagem 9 – Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus.....	45
Imagem 10 – Escultura <i>L'homme qui marche</i>	66
Imagem 11 – Escultura <i>Menino de Mocambo</i>	66

LISTA DE SIGLAS

ABRANDH - Ação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos

DEP - Desnutrição energético-proteica

DHAA - Direito Humano à Alimentação Adequada

EBIA - Escala Brasileira de Insegurança Alimentar

FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura. IA

- Insegurança Alimentar

ISAN - Insegurança Alimentar e Nutricional

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LOSAN - Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional

ONU - Organização das Nações Unidas

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos

PBF - Programa Bolsa Família

PIDESC - Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

SAN – Segurança Alimentar e Nutricional

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1. UM DIÁLOGO ENTRE UMA LITERATURA DAS MARGENS E O REGIME DA ESCASSEZ	15
2. OBJETIVOS	18
2.1. OBJETIVO GERAL.....	18
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
3. REFERENCIAL TEÓRICO	19
3.1. DA FOME À SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL.....	19
3.2. DIETA DA PRECARIIDADE: A FOME E SEU REGISTRO NAS OBRAS LITERÁRIAS.....	32
3.3. CAROLINA SEGUNDO <i>QUARTO DE DESPEJO</i>	38
4. DESVENDANDO A FAVELA DE CAROLINA: OS CAMINHOS ATÉ <i>QUARTO DE DESPEJO</i>	46
4.1. O MÉTODO: ALIMENTAÇÃO E LITERATURA - A ARTE COMO OBJETO DE CONHECIMENTO.....	46
4.2. NATUREZA DA PESQUISA.....	50
4.3. ESCOLHA DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA.....	51
4.4. ANÁLISE DE DADOS.....	53
5. AS IMAGENS DA FOME NO DIÁRIO DE UMA FAVELADA	55
5.1. A FOME COMO UMA INIQUIDADE SOCIAL: DE CAROLINA AOS DIAS ATUAIS.....	55
5.1.1. A violação do direito humano à alimentação de Carolina	55
5.1.2. Sentenças de um regime de carência: depressão e a estética do corpo faminto	59
5.2. A MESA DE CAROLINA: COMIDA DE FAVELADO.....	66
5.2.1. Caracterização da cozinha em <i>Quarto de despejo</i>	67
5.2.2. Alimentar-se em tempo de escassez: o significado da comida para o favelado	71
5.3. A POETISA DO LIXO: A ESCRITA COMO ARMA CONTRA A FOME.....	73
5.3.1. A poética dos resíduos da Cinderela do lixo	73
5.3.2. Dieta da precariedade: a fome em sua personificação	75

5.3.3. Animalização em <i>Quarto de despejo</i>.....	77
5.4. A FAVELA COMO ESPAÇO INSALÚBRE: O QUARTO DE DESPEJO DA HUMANIDADE.....	80
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS.....	87
APÊNDICES	

APRESENTAÇÃO

Em 2011 pude adentrar no universo acadêmico através do meu ingresso no curso de Nutrição da UFCG. Desde muito cedo, sabia que este espaço me permitiria ter acesso à abertura de novas possibilidades e a construção de novos caminhos. Naquele tempo que iniciei meus estudos, comecei a conhecer a Nutrição pelo ponto de vista das disciplinas de base: introdução à Nutrição, química de biomoléculas, bioquímica e fisiologia. Durante quase um ano e meio, absorvi uma “*Hiroshima*” de conhecimentos oriundos de uma Nutrição que preza, pensa e perece por um alicerce objetivo. Hipócrates sempre se fazia presente ao final das aulas, sugerindo esta reflexão: “Faça do seu alimento o seu remédio”. Isso de certa forma para a maioria dos meus colegas de classe era mais interessante, mais prático e mais “clínico”. Bem, para mim, nada mais era que empolgante, e por mais que eu tivesse meras afinidades ainda não estava totalmente sintonizada.

No decorrer deste percurso, procurava algo que demandasse de mim uma atuação mais sensível e palpável, um pouco longe das dimensões das “quatro leis da alimentação” ou das “recomendações e estimativas de necessidades energéticas e de nutrientes”. Eu precisava sentir a Nutrição por uma veia orgânica e prática. A partir desta necessidade, quando cursava o 3º período, me inscrevi no processo seletivo do Programa de Educação Tutorial (PET Nutrição). Como integrante do PET, estava também vinculada ao Núcleo de Pesquisa e Estudos em Nutrição e Saúde Coletiva (Núcleo PENSO), no qual tive o prazer de vivenciar e tecer grande parte do meu trajeto acadêmico ao lado de duas professoras que apostaram no meu potencial, Vanille Pessoa e Poliana Palmeira.

Foi então, neste espaço, que me deparei com projetos de pesquisa, ensino e extensão voltados para a área da Nutrição em Saúde Coletiva e tive a chance de conhecer a alimentação no eixo das relações político-sociais. Logo, aprofundei os estudos sobre problemas relevantes na área da Epidemiologia Nutricional, das Políticas Públicas, da Segurança Alimentar e Nutricional e da Educação Alimentar e Nutricional. Neste momento tive a oportunidade de ler Josué de Castro em *Geografia da fome*

e, assim, pude estudar uma das questões mais emblemáticas e severas da humanidade: a fome.

Mais tarde, cursei a disciplina de Práticas em Nutrição em Saúde Coletiva e fui aluna da professora Michelle Medeiros, alguém que, com muita sabedoria e disposição, me instigou a pensar pela primeira vez questões subjetivas da relação do homem com a comida. Além disso, foi mediadora do meu encontro com a “alimentação e literatura”, apresentando a possibilidade de estudar a alimentação pelo viés literário, utilizando-a como objeto de conhecimento, como *corpus* de pesquisa.

Com o amadurecimento de novas reflexões e pontos de vista sobre o pensar cultural e social na alimentação, com a leitura de novos autores e com a produção de novos trabalhos científicos voltados para este âmbito, aos poucos me foi despertado uma sensação de que dali pra frente era isso que eu queria, de fato, me aprofundar enquanto aluna e pesquisadora. Confirmei esta vontade quando me vinculei ao Grupo Universalidades, Literatura e Alimentação (GULA), um espaço de estudo voltado para discussões que transversalizam alimentação e literatura.

Bem, quatro anos mais tarde, após viver intensamente o universo acadêmico, depois de muitas noites em claro, muitas aulas assistidas, muitas amizades compartilhadas, muita coragem para enfrentar uma morada longe do meu “aconchego” e muita força de vontade para conquistar o título de bacharel em Nutrição, aqui estou finalizando esta etapa de minha vida com a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso. Este trabalho é o reflexo de uma longa caminhada que demorou o tempo necessário para ser concretizada.

Aprimorei meu gosto pela alimentação e também pela falta dela. Talvez a Nutrição, para mim, esteja intimamente imbricada na mistura de sabores e saberes que despertam não apenas um “paladar simples”, focado no alimento em si e nas suas propriedades nutricionais, mas acima disso, um “paladar refinado” que está ligado às questões subjetivas da condição humana, notando o alimento pelo o que ele significa dentro de suas dimensões simbólicas e representativas. E para tornar esta mescla de sabores e saberes mais apetitosa, lanço mão da literatura para realizar a magnitude de suas magias com as palavras e o paladar.

1. UM DIÁLOGO ENTRE UMA LITERATURA DAS MARGENS E O REGIME DA ESCASSEZ

A fome é um flagelo que assola o passado e o presente de boa parte da humanidade, sendo um problema que alcança o centro das discussões nas agendas científicas, nas políticas públicas, bem como ganha destaque em diversos estudos acadêmicos. No Brasil, milhões de pessoas vivem em situação de precariedade alimentar, ou seja, passam fome.¹ O cenário de pobreza, caracterizado como um quadro de vulnerabilidade social, é um dos principais determinantes desta mazela.²

O problema da fome no Brasil é antigo. Assim sendo, como estratégia para sua erradicação e diminuição da miséria, em 2006, criou-se a política de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), na qual a construção deste conceito tem mobilizado o Brasil há mais de duas décadas.³ A conceituação da SAN foi desenvolvida considerando, como objetivo estratégico e permanente, sua subordinação às políticas públicas aos princípios do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) e à Soberania Alimentar.⁴ Desse modo, entende-se o conceito de SAN como a “realização do direito humano a alimentação, e a garantia do acesso regular e permanente a uma alimentação saudável, de qualidade e quantidade suficiente, e que não comprometa o acesso a outras necessidades essenciais”.⁵

¹ DIAS, Eliotério Fachin. A Fome, a pobreza e o Direito Humano à alimentação adequada. **Revista Jurídica UNIGRAN**. Dourados, MS, v. 11, n. 2, 2009.

² YASBEK, Maria Carmelita. O programa fome zero no contexto das políticas sociais brasileiras. **Revista São Paulo em Perspectiva**. v. 2, n. 18, p.104-112, 2004.

³ BRASIL. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **Construção do Sistema e da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional: a experiência brasileira**. Brasília: CONSEA, 2009.

⁴ BRASIL. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **Construção do Sistema e da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional: a experiência brasileira**. Brasília: CONSEA, 2009.

⁵ BRASIL. **Lei de Segurança Alimentar e Nutricional: conceitos**, lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006. Brasília, DF: [s.n.]; 2006, p. 1.

Porém, de lá até hoje, mesmo com a implementação de diversos programas que objetivam a garantia da SAN, a fome continua sendo um problema de saúde pública existente no país.⁶

Em 2013, O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os resultados do levantamento suplementar da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). De acordo com os dados da pesquisa sobre a situação de Segurança e Insegurança Alimentar e Nutricional no Brasil, foi possível identificar que 14,7 milhões dos brasileiros pesquisados (22,6%) se encontravam em algum grau de Insegurança Alimentar (IA), ou seja, passam por alguma restrição ou privação alimentar devido à falta de recursos para adquirir alimentos.⁷ Dados como estes mostram a relevância incontestável da problematização deste tema, que vem recebendo contribuições de diferentes abordagens e, principalmente, ocupando o cenário das políticas de SAN.⁸

Além do cenário das políticas públicas, das agendas governamentais e dos estudos acadêmico-científicos, a temática da fome e da miséria ocupam também os registros literários. É o caso da obra *Quarto de despejo - O diário de uma favelada* da brasileira Carolina Maria de Jesus. O diário escrito pela catadora de lixo relata a voz daquele posto à margem contando sua própria história. Sendo um diário, a narrativa é registrada de acordo com a perspectiva da autora.⁹

A obra causou grande impacto nas camadas populares nos anos 60, visto que, naquela ocasião, pela primeira vez, uma voz marginalizada denunciou a situação de precariedade e desumanização enfrentada pelos moradores da favela do Canindé em São Paulo, o que evidenciou e

⁶ CONSELHO MUNICIPAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (Juiz de Fora). **O que é segurança alimentar e nutricional sustentável**: história no Brasil e em Minas Gerais. Juiz de Fora, 2011.

⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD - 2013. **Segurança Alimentar**. Rio de Janeiro/RJ, 2014.

⁸ PEREIRA, Rosângela Alves; SANTOS, Leonor Maria Pacheco. A dimensão da insegurança alimentar. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 21 (Suplemento), p. 7-13, 2008.

⁹ SANTOS, Maricélia Nunes dos; SOUZA, Wagner de. Quarto de despejo – Manifestação do discurso feminino na literatura brasileira. **Revista Travessias**, Paraná, v. 5, n. 2, 2011, p. 314.

evidência a realidade de milhares de brasileiros.¹⁰ O sentido do termo marginal na obra, diz respeito à condição dos sujeitos pertencentes às classes sociais menos favorecidas, aqueles que estão economicamente, sobretudo, às margens dos privilegiados da sociedade (classes abastadas). Na narrativa caroliana, o “marginal” tem origem do humilde, onde a “voz da periferia” ocupa os segmentos literários no interior da obra. A identidade marginal de Carolina se constrói a partir da inserção social e cultural da autora que morou numa favela situada às margens do rio Tietê.¹¹

Alguns estudos^{12,13} se propõem a compreender a fome, adicionando um novo olhar ao fenômeno para além do epidemiológico, lançando mão da literatura como objeto de conhecimento, como *corpus* de pesquisa. A obra literária *Quarto de despejo* também possibilita esta incursão no tema da fome, bem como a busca por respostas para questionamentos inerentes ao indivíduo e ao coletivo, em meio a reflexões relacionadas à condição humana. Assim, tal obra propicia a compreensão desta condição ocupada pela autora através de sua própria perspectiva.¹⁴

Diante disso, o presente estudo objetivou compreender o fenômeno da fome, sob a ótica da Segurança Alimentar e Nutricional, a partir da obra literária de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, a fim de propor uma reflexão adicional sobre a problemática da fome dentro do campo da Alimentação e Nutrição.

¹⁰ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. **Revista USP**, São Paulo, v. 37, p. 82 - 91, 1998.

¹¹ CORONEL, Luciana Paiva. Da margem para o centro: a representação do negro em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. In: X Encontro Estadual de História. **O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional**, Santa Maria – RS, 2010.

¹² KIFFER, Ana Paula. Graciliano Ramos e Josué de Castro: um debate acerca da fome no Brasil. **Via Atlântica**, Rio de Janeiro, 2009.

¹³ PEREIRA FILHO, Waldemar Rodrigues. A fome: ânsia ou carência. Uma Leitura das obras de Rodolfo Teófilo e Knut Hamsun. **Anais do seta**, [S.I.], n. 4, 2010.

¹⁴ SANTOS, Maricélia Nunes dos; SOUZA, Wagner de. Quarto de despejo – Manifestação do discurso feminino na literatura brasileira. **Revista Travessias**, Paraná, v. 5, n. 2, 2011, p. 313.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Compreender o fenômeno da fome sob a ótica da Segurança Alimentar e Nutricional a partir da obra literária de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Desejo*.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 2.2.1. Relacionar a situação da fome descrita na obra *Quarto de despejo* com a questão da violação do DHAA no contexto da SAN;
- 2.2.2. compreender o papel da escrita como via para subjetivação e enfrentamento da escassez, no caso de Carolina Maria de Jesus;
- 2.2.3. caracterizar a culinária descrita na obra, analisando os significados atribuídos à comida pela autora;
- 2.2.4. compreender as influências do espaço da favela sobre a condição alimentar e de vida de Carolina Maria de Jesus e dos demais moradores.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. DA FOME À SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL

Em uma passagem da obra *Divina Comédia* de Dante Alighieri, o autor fala a respeito do sofrimento causado pela fome. Segundo ele a fome pode ser definida como a principal mazela que aflige a humanidade “sua consequência é a morte mais miserável de todas. A fome provoca um suplício lento, dores prolongadas, um mal que habita e se esconde no interior da gente, uma morte sempre presente e sempre lenta a chegar.”¹⁵

Partindo do *Inferno* de Dante, a problemática da fome embora seja bastante debatida, ainda mais nos dias atuais, é uma questão milenar de complexidade que tem se perpetuado ao longo da história da humanidade. É verdade que não se sabe fatos concretos sobre as primeiras ocorrências desta mazela, visto que existem dificuldades (instrumentais e metodológicas) de se mensurar tais acontecimentos. Todavia, sabe-se que o “tempo cronológico da fome” – caso permita-se dizer – está interligado com o tempo de abundância de alimentos, pois perante a história da alimentação e da humanidade é possível identificar, em alguns períodos históricos, picos de escassez e de abundância, de equilíbrio e desequilíbrio alimentar em sociedades.¹⁶ Como exemplo disto, pode-se citar a agricultura. Tal atividade produtiva sofreu diversas mudanças durante os séculos – históricas, econômicas, técnicas e de interesses - que refletiram no setor alimentício.

Diante da história da alimentação humana foi possível observar diversos marcos que retomam aos tempos de fome. Os períodos de crises, carestias e pestilências podem ser identificados pelos historiadores como referências que caracterizaram momentos de “tempos difíceis”, de situação alimentar catastrófica. Dentre esses períodos, destaca-se a dissolução do império Romano, a miscigenação de povos e culturas, a crise das

¹⁵ ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**: Inferno, Purgatório e Paraíso. São Paulo: Editora 34, 1999.

¹⁶ CARNEIRO, Henrique. **Comida e sociedade**: uma história da alimentação. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

estruturas produtivas – iniciadas devido ao declínio da agricultura – despovoamento dos campos, as grandes epidemias e pestes.¹⁷ Nos séculos V e VI (Idade Média) a carência de alimentos obrigava então a elaborar novas técnicas de sobrevivência adaptadas às dificuldades da realidade: ervas e raízes, pães “de fantasias” e carnes de qualquer espécie.¹⁸ Gregório de Tours citado por Montanari (2003), descreve algumas soluções alternativas usadas pelos povos da Gália, antiga província Romana oprimida pela carestia:

[...] Muitos faziam o pão com sementes de uva ou com as flores de avelãs; outros com as raízes dos polipódios prensadas, secas e depois moídas, misturadas com um pouco de farinha. [...] Não faltou quem, privado totalmente de farinha, se limitasse a colher e a comer vários tipos de ervas; estes porém definhavam, e acabavam inchados.¹⁹

No que se refere à Idade Moderna e Contemporânea, revoluções e guerras também merecem uma atenção imprescindível em meio ao tempo cronológico da fome.

A Idade Moderna foi marcada por profundas transformações e acontecimentos que impactaram não apenas o cenário europeu, mas também o mundo. Em 1789, a Revolução Francesa (1789-1799) foi um fato histórico que indicou o fim da Idade moderna. Este movimento revolucionário de cunho político-social foi considerado um grande avanço da classe burguesa, visto que com a queda do absolutismo e a tomada do poder político, foi possível encerrar obstáculos sobre o capitalismo.²⁰ Porém, a ruptura da estrutura do Estado absolutista só foi factível através de medidas radicais. Deste modo, com a insuficiente produção agrícola resultante dos entraves feudais à produtividade, bem como as dificuldades encontradas nos fenômenos climáticos, causou elevação no preço do trigo,

¹⁷ MONTANARI, Massimo. **A fome e a abundância**: história da alimentação na Europa. Tradução de Andréa Doré. Bauru: EDUSC, 2003, p. 13.

¹⁸ MONTANARI, Massimo. **A fome e a abundância**: história da alimentação na Europa. Tradução de Andréa Doré. Bauru: EDUSC, 2003, p. 15.

¹⁹ TOURS, Gregório de, apud MONTANARI, Massimo. **A fome e a abundância**: História da alimentação na Europa. Bauru - SP: EDUSC, 2003. p.15.

²⁰ VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História para o ensino médio**: história geral e do Brasil. São Paulo: Scipione, 2005.

tornando assim o pão um alimento quase proibitivo às camadas de baixa renda e, conseqüentemente, acentuando a miséria e a fome (Imagem 1).²¹ Alguns historiadores ressaltam que a questão da fome, pobreza e miséria na França foi anterior à Revolução Francesa, “a fome era um fato cotidiano para os pobres franceses [...] que lutaram sem nenhuma forma de assistência”.²²

Mais tarde, nos anos de 1932 e 1933, a Ucrânia vivenciou um dos mais trágicos capítulos ocorridos na história da humanidade, que custou a vida de milhões de pessoas. O *Holodomor*²³ ou a “Grande fome da Ucrânia” foi uma catástrofe ocorrida durante o regime soviético liderado pelo comunista Josef Stalin, que instaurou um novo sistema de exploração feudal-militar no campesinato. Stalin forçou uma coletivização acelerada e total da agricultura, isto é, apropriação estatal das terras, colheitas, do gado e das alfaías, com o propósito de estabelecer um controle político sobre a produção do campesinato, como modo de forçar o apoio ao regime soviético; também utilizou deste plano de coleta o direito de assumir rigorosamente o controle sobre as produções agrícolas através de uma implementação caótica, arbitrária e abusiva desses bens.²⁴ Perante esta nova política e devido a resistência da população camponesa, em poucos meses esta ordenação já havia provocado a morte de seis milhões de pessoas. O genocídio causado pela fome causou um extermínio do campesinato ucraniano. A fome se estendeu de maneira progressiva e logo apareceram os casos de canibalismo. Assim sendo, atos de desumanização e de massificação da morte registrados no *Holodomor*, constituíram uma enorme regressão civilizacional (Imagem 2).²⁵

²¹ VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História para o ensino médio: história geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2005.

²² GONÇALVES, Jussemar Weiss. A Revolução Francesa e a invenção social da pobreza. **Revista Biblos**, Rio Grande, v. 23, n. 1, 2009, p. 9-24.

²³ Segundo Andrea Graziosi (2005), o termo *Holodomor* designa da fusão das palavras *holod* (fome, faminto) e *moryty* (matar através de privação).

²⁴ RIBEIRO, Luís de Matos. *Holodomor: O Genocídio Ucraniano*. Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos. **Revista IberoSlavica**, Lisboa, [201-?].

²⁵ COURTOIS, Stéphane et al. **O Livro Negro do Comunismo - Crimes, Terror e Repressão**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1999.

Outro período crítico na história da humanidade que foi marcado por chacinas de fome, foi a chamada Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que ficou reconhecida como a maior catástrofe provocada pelo homem. Durante este conflito militar global foi deliberado, como estratégia de extermínio, o *hunger plan* ou “Plano da Fome” fomentado por Herbert Backe em 1941, com o objetivo de organizar uma extraordinária fome em massa na Europa Ocidental, exterminando assim toda a população urbana da União Soviética ocidental, removendo 30 milhões de “bocas inúteis” da cadeia alimentar.²⁶ Além disso, entre dois e três milhões de prisioneiros de guerra soviéticos, cerca de 57%, morreram de fome (Imagem 3).²⁷

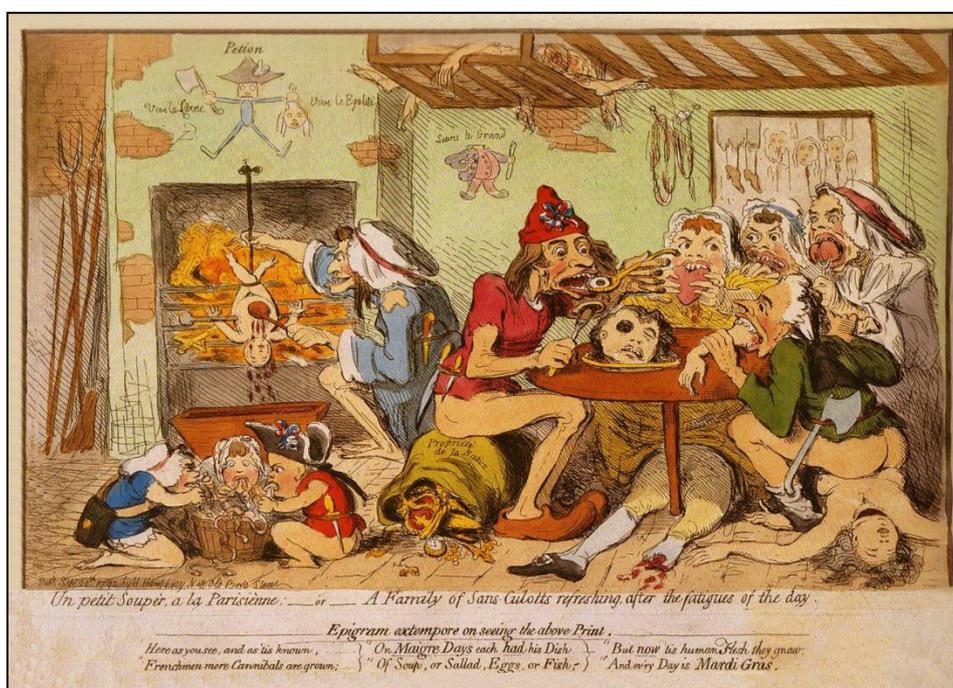


Imagem 1 – Sátira “*Un petit souper a la Parisienne*” ou “a família de *sans-culotts* se refrescando após as fadigas de um dia”. A sátira em gravura foi feita pelo caricaturista britânico James Gillray, em 1792. Ela foi inspirada pelos massacres em Paris durante o período da Revolução Francesa. O artista mostra um estereótipo dos revolucionários após a morte de Luis XVI, como perigosos *sans-culottes*, surgindo como uma massa grotesca, indiferenciada, desprovidos de humanidade e se comportando como animais selvagens.²⁸ Fonte: The British Museum, (BM Satires).

²⁶ GERWARTH, Robert. **O carrasco de Hitler**: a vida de Reinhard Heydrich o supervisor da solução final para a questão judaica e a origem do holocausto. Tradução Mário Molina. São Paulo: Cultrix, 2013.

²⁷ COGGIOLA, Osvaldo. **A Segunda Guerra Mundial**: Causas, Estrutura, Consequências. 1. ed. Editora Livraria da física, 2015.

²⁸ THE FITZWILLIAM MUSEUM. The view from England. University Cambrigde. Disponível em: <<http://www.fitzmuseum.cam.ac.uk/gallery/viveladifference/works/gallery1.html>>. Acesso em: 02 de ago. 2015.



Imagem 3 – Retrato da Segunda Guerra Mundial. Prisioneiros de guerra soviéticos desnutridos no campo de concentração da Mauthausen – Áustria, em Janeiro de 1942. Fonte: United States Holocaust Memorial Museum.



Imagem 2 – A escultura de bronze “Sad memory of childhood” ou “Memória triste da infância” foi erguida em memória aos tempos sombrios do *Holodomor*. A menina franzina relembra as crianças vítimas da fome instaurada na Ucrânia. A escultura está localizada em Kiev, Ucrânia. Fonte: The National Museum “The Memorial in Commemoration of the Famines Victims in Ukraine”.

No Brasil, durante longos séculos não se debatia em público o tema da fome. Era uma problemática que se fazia real e presente no cenário brasileiro, e que devido aos tabus pregados, principalmente pelas classes abastadas, poucas intervenções eram realizadas. A fome, muitas vezes, era tratada pelos povos como um “castigo”, um “mal merecido”. É o caso dos nordestinos religiosos que se conformavam com a condição de sua terra árida e a escassez de água, e afirmavam para si mesmos – como forma de consolo - que “Deus quis assim”.²⁹

Para romper com este silêncio, Josué de Castro encarou realizar um estudo sobre a fome no Brasil. Com isso, publica a obra *Geografia da fome, o dilema brasileiro: pão ou aço* (1946).³⁰ Castro tratou a fome como um

²⁹ ARAÚJO, Kárita de Fátima; Anselmo, Rita de Cássia Martins de Souza. **1915: a seca e o sertão sob o olhar de Raquel de Queiroz**. *Estudios Historicos* – CDHRP, n. 3, 2009.

³⁰ CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. O dilema brasileiro: pão ou aço. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

problema de saúde pública que se expressava de maneiras diferentes em cada região do país. Para dinamizar seu trabalho, elaborou um mapa da fome no Brasil, dividido em 5 regiões: amazônica, nordeste e açucareiro, sertão nordestino, centro-oeste e extremo sul.³¹ O dilema do autor era provar que as causas da fome no Brasil não eram devido a fatalidades catastróficas, mas por questões políticas. Ele observou uma disparidade entre o desenvolvimento econômico e social, onde o país crescia economicamente e decrescia socialmente, caracterizando assim como um país de contrastes: de um lado o declínio das regiões Norte e Nordeste e de outro a ascensão do Centro-sul, metade fica estagnada e metade segue rumo ao desenvolvimento. Devido a esta desestruturação, a alimentação do brasileiro se mostrava imprópria em todo país. Porém, algumas outras causas foram observadas: (1) passado histórico do Brasil; (2) força política inadequada; (3) modelo de desenvolvimento; (4) ciclos destrutivos – cana-de-açúcar, café, borracha.³²

Após este levantamento histórico da fome no Brasil e no mundo, cabe neste referencial tratar sobre a conceituação dos termos: fome, desnutrição e pobreza, uma vez que possuem naturezas e definições distintas, mas estão interligados em sua completude. Flávio Valente em um estudo realizou uma análise crítica abrindo uma discussão sobre os conceitos de fome, desnutrição e suas implicações na elaboração de políticas públicas no Brasil. O autor refere-se ao conceito de fome desde aquela sensação fisiológica relacionada à vontade de comer até as condições mais severas de fome que afligem o ser humano, associada à pobreza e a exclusão social.³³ Para ele:

³¹ CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. O dilema brasileiro: pão ou aço. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

³² CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. O dilema brasileiro: pão ou aço. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

³³ VALENTE, Flávio Luiz Schieck. Fome, desnutrição e cidadania: inclusão social e direitos humanos. **Saúde e Sociedade**, v.12, n.1, p.51-60, 2003.

ver os filhos passarem fome é passar fome. Comer lixo é passar fome. Comer o resto do prato dos outros é passar fome. Passar dias sem comer é passar fome. Comer uma vez por dia é passar fome. Ter que se humilhar para receber uma cesta básica é passar fome. Trocar a dignidade por comida é passar fome. Ter medo de passar fome é estar cativo da fome. Estar desnutrido também é passar fome, mesmo que a causa principal não seja falta de alimento.³⁴

Monteiro aborda a definição de fome em duas vertentes: aguda e crônica. A fome aguda resulta na urgência de se alimentar, sendo momentânea e expressa no apetite. Diferentemente, a fome crônica se expressa de modo permanente, e ocorre quando a alimentação oferecida no dia-a-dia não fornece a quantidade de energia suficiente para manter o adequado funcionamento do organismo e para a realização das atividades cotidianas.³⁵ A fome aguda e crônica pode ser comparada com a conceituação de áreas de fome endêmica e epidêmica dadas por Josué de Castro. Segundo o autor, quando se considera na população nítidas manifestações carenciais no seu estado de nutrição, de modo permanente, observa-se uma fome endêmica ou qualitativa. Por sua vez, quando é de modo transitório, observa-se uma fome epidêmica ou quantitativa.³⁶

Quanto à definição de desnutrição, Monteiro no estudo citado anteriormente afirma que a desnutrição, ou as deficiências nutricionais, é uma doença que pode ter mais de uma modalidade, sendo decorrente da insuficiente oferta de alimentos tanto em energia quanto em nutrientes ou até mesmo do inadequado aproveitamento biológico dos alimentos consumidos – devido alguma doença, em especial doenças infecciosas.³⁷ Dentre as modalidades existentes de desnutrição tem-se a desnutrição energético-proteica (DEP), causada devido a um déficit de proteínas, tendo o “*kwashiorkor*” – desnutrição caracterizada pela presença de edema - sua

³⁴ VALENTE, Flávio Luiz Schieck. Fome, desnutrição e cidadania: inclusão social e direitos humanos. **Saúde e Sociedade**, v.12, n.1, p.51-60, 2003.

³⁵ MONTEIRO, Carlos Augusto. Fome, Desnutrição e Pobreza: além da semântica. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.12, n.1, p.7-11, 2003.

³⁶ CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. O dilema brasileiro: pão ou aço. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

³⁷ MONTEIRO, Carlos Augusto. Fome, Desnutrição e Pobreza: além da semântica. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.12, n.1, p.7-11, 2003.

representação típica e o marasmo caracterizado por perda de tecido muscular e adiposo, sendo este a característica dominante da deficiência energética. A DEP raramente ocorre de maneira singular, simultaneamente esse processo patológico desencadeia outras carências nutricionais como anemias, deficiência de vitamina A e entre outras.³⁸

No que diz respeito à pobreza, pode ser definida como a “condição de não satisfação de necessidades humanas elementares como comida, abrigo, vestuário, educação, assistência à saúde, entre outras.” São consideradas famílias pobres quando a renda inferior está classificada à linha da pobreza. Quando a linha da pobreza está baseada apenas no custo da alimentação, fala-se em extrema pobreza, indigência ou mesmo em insegurança alimentar.³⁹ É importante ressaltar que a extrema pobreza, infelizmente, ainda se faz presente na realidade cotidiana, tanto do Brasil como do mundo. Segundo o relatório de insegurança alimentar da Organização das Nações Unidas (ONU), estima-se que 795 milhões de pessoas passam fome no mundo, incluindo 780 milhões nas regiões em desenvolvimento.⁴⁰

Nos últimos anos, o problema da insegurança alimentar e nutricional (IAN) no mundo é um tema que se tornou central e de relevância incontestável no contexto político-social, na qual tem ocupado destaque nas agendas científicas, políticas, econômicas, sanitárias e cada vez mais tem alcançado o cenário das políticas públicas.^{41,42} Com o propósito de minimizar o problema da fome no Brasil e no mundo, foram criadas políticas

³⁸ FILHO, Malaquias Batista; RISSIN, Anete. Desnutrição Energético-Proteico. In: TADDEI, José Augusto; LANG, Regina Maria Ferreira; LONGO-SILVA, Giovana; TOLONI, Maysa Helena de Aguiar. **Nutrição em Saúde Pública**. Rio de Janeiro: Editora Rubio, Edição 1. 2011, p. 167.

³⁹ MONTEIRO, Carlos Augusto. Fome, Desnutrição e Pobreza: além da semântica. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.12, n.1, p.7-11, 2003.

⁴⁰ FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **The state of Food Insecurity in the World**, 2015. Disponível em: <<http://www.fao.org/3/a4ef2d16-70a7-460a-a9ac-2a65a533269a/i4646e.pdf>>. Acesso em: 01 dez 2015.

⁴¹ CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. **Alimentação, sociedade e cultura**. Editora Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011, p. 334.

⁴² PEREIRA, Rosângela Alves; SANTOS, Leonor Maria Pacheco. A dimensão da insegurança alimentar. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 21 (Suplemento), p. 7-13, 2008.

e ações voltadas para a garantia e promoção da Segurança Alimentar e Nutricional da população.

O conceito sobre SAN tem sido discutido e aprimorado ao longo dos anos e ainda permanece em fase de elaboração. Ele evolui conforme avança a história da humanidade, como também se modifica perante os mecanismos de ordem social e as relações de poder de uma determinada sociedade.⁴³

No Brasil, no ano de 2006, de acordo com o documento aprovado na II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN) foi sancionada pelo Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, na qual foi declarado que:

Art. 3º. A segurança alimentar e nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis.⁴⁴

Os conceitos de Direito Humano à Alimentação Adequada e de Soberania Alimentar estão intimamente relacionados ao de SAN. A política de SAN deve englobar princípios e ações cruciais para a garantia da promoção e efetuação do DHAA, de modo que seja coesivo com a abordagem dos direitos humanos. Nesse sentido, entende-se que a SAN é uma estratégia para a garantia do DHAA.⁴⁵

Antes de problematizar o conceito de DHAA, é importante que se compreenda a definição de Direitos Humanos, uma vez que estes direitos

⁴³ BURITY, Valéria; FRANCESCHINI, Thaís; VALENTE, Flávio; RECINE, Elisabetta; LEÃO, Marília; CARVALHO, Maria de Fátima. **Direito humano à alimentação adequada no contexto da segurança alimentar e nutricional**. Brasília, DF: Ação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos (ABRANDH), 2010, p. 11.

⁴⁴ CONSELHO MUNICIPAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (Juiz de Fora). **O que é segurança alimentar e nutricional sustentável: história no Brasil e em Minas Gerais**. Juiz de Fora, 2011, p. 2.

⁴⁵ BURITY, Valéria. et al. **Direito humano à alimentação adequada no contexto da segurança alimentar e nutricional**. Brasília, DF: Ação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos (ABRANDH), 2010, p. 14.

se fazem necessários para proteger o ser humano da injustiça e garantir uma vida justa e com plena dignidade.

Tais direitos foram firmados internacionalmente na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948).⁴⁶ Existem alguns princípios que os regem, na qual são denominados: (1) Universais – pois se aplicam a todos os seres humanos, independente de gênero, raça, cor, orientação sexual, idade, religião ou qualquer outra característica pessoal ou social; (2) Indivisíveis – o conjunto de direitos civis, políticos, culturais, sociais, econômicos são todos igualmente necessários para a garantia de uma vida digna; (3) Inalienáveis – são intransferíveis, portanto não podem ser subtraídos, vendidos e tão pouco cedidos voluntariamente; (4) Interdependentes e inter-relacionados – um direito não pode ser realizado sem a existência dos demais, ou seja, para realização efetiva de um direito requer a garantia dos outros.⁴⁷

Dessa forma, os direitos humanos devem garantir a todas as pessoas condições básicas para se obter e desfrutar de uma vida com plena dignidade, assegurando à liberdade, à igualdade, acesso ao trabalho, à terra, à saúde, à moradia, à educação, à água e aos alimentos de qualidade, entre outros condicionantes essenciais.⁴⁸

Nesse sentido, alimentar-se é uma condição básica que deve estar ao alcance de todos, portanto deve ser considerada como um direito humano. Alimentar-se, é um ato de complexidade que vai além da atividade essencialmente biológica e de sobrevivência do ser humano. É um ato que

⁴⁶ BRASIL. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Princípios e diretrizes de uma Política de Segurança Alimentar e Nutricional. **II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**. Brasília: CONSEA, 2004, p. 12.

⁴⁷ BURITY, Valéria. et al. Segurança Alimentar e Nutricional e o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA). In: BURITY, Valéria. et al. **O Direito Humano à Alimentação Adequada e o Sistema Nacional de Segurança Alimentar**. Brasília, DF: Ação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos (ABRANDH), 2010, Módulo 1, p. 22-23.

⁴⁸ BURITY, Valéria. et al. Segurança Alimentar e Nutricional e o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA). In: BURITY, Valéria. et al. **O Direito Humano à Alimentação Adequada e o Sistema Nacional de Segurança Alimentar**. Brasília, DF: Ação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos (ABRANDH), 2010, Módulo 1, p. 23.

alcança dimensões sociais, culturais, econômicas, ecológicas, e que se fazem essenciais para a obtenção de uma vida com qualidade.⁴⁹

Em 1966, a alimentação foi reconhecida como direito humano no Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (PIDESC). Assim, em 1999, no Comentário Geral 12 do Comitê dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais da Organização das Nações Unidas (ONU) foi formulada uma definição dos direitos referente à alimentação, afirmando que:⁵⁰

o direito à alimentação adequada é alcançado quando todos os homens, mulheres e crianças, sozinhos, ou em comunidade com outros, têm acesso físico e econômico, em todos os momentos, à alimentação adequada, ou meios para sua obtenção.⁵¹

Ainda segundo o Comentário Geral 12, no que diz respeito ao termo “adequação”, não deve ser limitado apenas a um pacote mínimo de calorias, macronutrientes e micronutrientes, mas também, no tocante às condições culturais, sociais, econômicas, ambientais, entre outras.⁵²

Desse modo, o conceito de Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) sofreu algumas modificações ao longo dos anos. Atualmente este conceito pode ser compreendido como um direito básico e fundamental para todo e qualquer indivíduo, que visa o acesso garantido e ininterrupto do alimento, bem como a garantia de alimentos seguros do ponto de vista biológico e sanitário, em quantidade e qualidade suficientes, considerando o contexto cultural, socioeconômico e ambiental do indivíduo, permitindo-o

⁴⁹ CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. **Alimentação, sociedade e cultura**. Editora Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011.

⁵⁰ BRASIL. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Princípios e diretrizes de uma Política de Segurança Alimentar e Nutricional. **II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**. Brasília: CONSEA, 2004, p. 12.

⁵¹ Ibid., p. 12.

⁵² BRASIL. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Princípios e diretrizes de uma Política de Segurança Alimentar e Nutricional. **II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**. Brasília: CONSEA, 2004, p. 12.

ter uma vida livre do medo, digna e plena do ponto de vista físico, mental, coletivo e individual.⁵³

O DHAA possui duas dimensões conforme os tratados internacionais dos direitos humanos: o direito de estar livre da fome e da desnutrição e o direito de acesso à alimentação adequada. A realização destas duas dimensões é de extrema importância para garantia de outros direitos humanos.⁵⁴ Portanto, entende-se que a violação desse direito ocorre não pela falta de leis que regem a alimentação - visto que esse direito é garantido constitucionalmente - mas sim por falhas do poder público que tem a obrigação de prover, promover, proteger e respeitar esse direito.⁵⁵

Como consequência do descumprimento do DHAA tem-se situações de Insegurança Alimentar e Nutricional (IAN). Na literatura nacional e internacional a IAN tem sido tema discutido nas áreas da Saúde, Nutrição e das Ciências Sociais, gerando discussão a partir de pontos como a sua ocorrência nos diferentes grupos da população, suas repercussões e seus determinantes.⁵⁶ Como instrumento de mensuração e avaliação da SAN foi criado a Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA) que permite realizar um diagnóstico da situação da condição alimentar de um domicílio e estimar a prevalência de segurança alimentar. A EBIA classifica-se em quatro níveis: (1) Segurança alimentar; (2) IAN leve: Medo ou receio de sofrer fome; (3) IAN moderada: A família vivência situação de restrição na

⁵³ BURITY, Valéria. et al. Segurança Alimentar e Nutricional e o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA). In: BURITY, Valéria. et al. **O Direito Humano à Alimentação Adequada e o Sistema Nacional de Segurança Alimentar**. Brasília, DF: Ação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos (ABRANDH), 2010, Módulo 1, p. 25.

⁵⁴ BURITY, Valéria; FRANCESCHINI, Thaís; VALENTE, Flávio; RECINE, Elisabetta; LEÃO, Marília; CARVALHO, Maria de Fátima. **Direito humano à alimentação adequada no contexto da segurança alimentar e nutricional**. Brasília, DF: Ação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos (ABRANDH), 2010.

⁵⁵ ALBUQUERQUE, Maria de Fátima Machado de. A segurança alimentar e nutricional e o uso da abordagem de direitos humanos no desenho das políticas públicas para combater a fome e a pobreza. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 22, n.6, p. 895-903, 2009.

⁵⁶ PEREIRA, Rosângela Alves; SANTOS, Leonor Maria Pacheco. A dimensão da insegurança alimentar. **Revista de Nutrição**, Campinas, 21(Suplemento) 7s-13s, 2008.

quantidade de alimentos consumidos; (4) IAN grave: Situação de fome entre adultos e/ou crianças do domicílio.⁵⁷

Por fim, ressalta-se o conceito de Soberania Alimentar, uma vez que este princípio que contempla as dimensões da conceituação da SAN. Desse modo, entende-se que a Soberania alimentar diz respeito ao “direito dos povos de definir suas próprias políticas e estratégias de produção, distribuição e consumo de alimentos.”⁵⁸ Dentro deste princípio deve-se contemplar também o direito à preservação de práticas alimentares e de produção tradicionais de cada cultura.⁵⁹

⁵⁷ KEPPLER, Anne W; GUBERT, Muriel Bauermann; CORRÊA, Ana Maria Segall. Instrumentos de Avaliação de Segurança Alimentar e Nutricional. In: TADDEI, José Augusto; LANG, Regina Maria Ferreira; LONGO-SILVA, Giovana; TOLONI, Maysa Helena de Aguiar. **Nutrição em Saúde Pública**. Rio de Janeiro: Editora Rubio, Edição 1. 2011, p. 89 – 92.

⁵⁸ BRASIL. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **Construção do Sistema e da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional: a experiência brasileira**. Brasília: CONSEA, 2009, p. 36.

⁵⁹ BURITY, Valéria; FRANCESCHINI, Thaís; VALENTE, Flávio; RECINE, Elisabetta; LEÃO, Marília; CARVALHO, Maria de Fátima. **Direito humano à alimentação adequada no contexto da segurança alimentar e nutricional**. Brasília, DF: Ação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos (ABRANDH), 2010, p. 13.

3.2. DIETA DA PRECARIIDADE: A FOME E SEU REGISTRO NAS OBRAS LITERÁRIAS

Na literatura, se o comer foi mencionado amplamente o não comer também teve sua atenção e relevância.⁶⁰ Autores como Carolina Maria de Jesus, Josué de Castro, Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto, Dostoiévski, Victor Hugo, Kafka, entre outros, desvelaram em suas obras uma das questões mais problematizadoras do mundo e do humano: a fome.

A questão da fome no interior das discussões literárias perpassaram diversas obras da literatura de renome, sendo um tema marcado pela sua dureza, miséria e precariedade.

Na literatura universal pode-se ressaltar o romance *Fome* (1890) de Knut Hamsun que conta a história de um jovem que passa a privar-se do ato de comer, em nome de sua arte, recusa-se a ceder aos apelos do mundo prático, ao mundo do trabalho. Ele desce ao mais baixo da degradação humana, cogitando a ideia de comer um pedaço da própria carne, pois a fome é extrema e ele já imagina que irá desfalecer.^{61,62}

A obra *Os Miseráveis* (1862), de Victor Hugo (1802-1885), também merece destaque. Na tradução e adaptação de Walcyr Carrasco, a obra encontra-se dividida em cinco partes.⁶³ Nas palavras de Victor Hugo, observa-se justamente o fato de que a pobreza deixa de ser encarada como algo natural – no sentido de ser algo oriundo da condenação de um Deus –, e passa a ser vista como algo circunstancial, passível de reforma ou correção em seus efeitos mais negativos para a dignidade humana.⁶⁴

⁶⁰ PINTO, Vera Lucia; MEDEIROS, Michelle. **Literatura e alimentação: *delicatessen*** na formação em saúde. Natal: Editora da UFRN, 2011, p. 52.

⁶¹ HAMSUN, Knut. **Fome**. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973.

⁶² PEREIRA FILHO, Waldemar Rodrigues. A fome: ânsia ou carência. Uma Leitura das obras de Rodolfo Teófilo e Knut Hamsun. **Anais do seta**, [S.l.], n. 4, 2010.

⁶³ HIJAZ, Tailine Fátima; ROSSETTO, Geralda Magella de Faria. Monsenhor benvindo e a porta sem fechaduras nem trancas: uma análise interdisciplinar da fraternidade na obra “os miseráveis”. **Revista Thesis Juris**, São Paulo, v.2, n.2, p. 535-560, 2013.

⁶⁴ SILVA, Fabrício Fonseca da; LAIA, Fernanda Gonçalves de. Um estudo comparado de “Frankenstein” e “Os Miseráveis”: questão social e liberalismo no século XIX. **Revista Espaço Acadêmico**, Paraná, n. 39, 2004.

Em uma passagem da obra, o personagem Jean Valjean comete um crime devido as circunstâncias de uma vida injusta, ou seja, por causa da fome que circulava a sua vida.

Jean Valjean, de humilde origem camponesa, ficara órfão de pai e mãe ainda pequeno e foi recolhido por uma irmã mais velha, casada e com sete filhos. [...] Num inverno especialmente rigoroso, perdeu o emprego, e a fome bateu à porta da miserável família. Desesperado, recorreu ao crime: quebrou a vitrina de uma padaria para roubar um pão. [...] Levado aos tribunais por crime de roubo e arrombamento, foi condenado a cinco anos de galés. [...] Mesmo na sua ignorância, tinha consciência de que o castigo que lhe fora imposto era duro demais para a natureza de sua falta e que o pão que roubara para matar a fome de uma família inteira não podia justificar os longos anos de prisão a que tinha sido condenado.⁶⁵

No Brasil não ocorreu diferente, a miséria e a falta de alimentos compõem inúmeras páginas de obras renomadas, das quais utilizavam a escrita para evidenciar críticas, hostilidades de uma vida tomada por dificuldades impostas pelo meio, singularidades do homem regionalista etc.⁶⁶

Na década de 30, alguns autores como Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e José Lins do Rego abordaram o tema da fome nos chamados “romances nordestinos” ou “romances de 30”. Nessa época, essa mazela era tratada como um tabu da civilização, pois se considerava um tema delicado, proibido e pouco aconselhável de ser discutido em público.^{67,68} A publicação das obras foi considerada um marco histórico do regionalismo nordestino (Imagem 4 e 5).

Em *Vidas Secas* (1938), Graciliano Ramos narra a história de uma família de retirantes sertanejos que vive em situação de miséria devido aos castigos da própria seca. A narrativa se constrói em meio ao silêncio, onde as vozes dos personagens são o próprio silêncio, e quando ocorre o diálogo

⁶⁵ HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1970, p. 23.

⁶⁶ PINTO, Vera Lucia; MEDEIROS, Michelle. **Literatura e alimentação: delicatessen** na formação em saúde. Natal: Editora da UFRN, 2011, p. 52.

⁶⁷ KIFFER, Ana Paula. Graciliano Ramos e Josué de Castro: um debate acerca da fome no Brasil. **Via Atlântica**, Rio de Janeiro, 2009.

⁶⁸ CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. O dilema brasileiro: pão ou aço. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006, p. 12.

palavras duras e ríspidas são lançadas. A fome é uma questão invocada na obra, em um trágico episódio o Papagaio, até então visto como membro da família, é devorado pela própria família. Em um segundo momento a cadela “Baleia” jantara os restos do amigo, e não guardava lembrança desse ato.^{69,70}

João Cabral de Melo Neto, também foi um desbravador desta delicada temática. *Morte e Vida Severina* (1956) é um poema dramático que apresenta a situação de fome vivenciada pelo retirante Severino, um nordestino que, fugindo da morte, abandona seu sertão pernambucano na esperança de encontrar no litoral melhores condições de vida. Severino é o personagem central do drama, um homem de características fortes, assim como todos os retirantes emigrantes na luta pela sobrevivência.⁷¹ Durante o percurso se depara com a morte, com a seca e com a fome. Nisso, Severino resolve cometer suicídio, para acabar com o doloroso sofrimento causado pelas desventuras de uma terra brava. Então, encontra o mestre carpina, Seu José, que tenta convencê-lo que a vida é um espetáculo mesmo quando se vive “uma vida severina”.^{72,73}

Em *Homens e Caranguejos* publicada por Josué de Castro, em 1966, o autor narra a história de João Paulo, menino pobre que vive no mangue e que através de sua história destaca a miséria do mangue. Para Castro, no mangue nada escapa da fome, tudo gira em torno do ciclo do caranguejo, ou seja, o homem semelhantemente ao caranguejo quanto mais cresce

⁶⁹ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 107ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

⁷⁰ KIFFER, Ana Paula. Graciliano Ramos e Josué de Castro: um debate acerca da fome no Brasil. **Via Atlântica**, Rio de Janeiro, 2009.

⁷¹ PINHEIRO NETO, José Elias.; CAVALCANTE, Maria Imaculada. O Espaço e as Mortes em *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto. **Revista Linguagem – Estudos e Pesquisas**, Goiás, v.13, 2009.

⁷² MELO NETO, João Cabral. **Morte Vida Severina**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

⁷³ MEDEIROS, Michelle. **Comensalidade: um rito de socialização vencido pela fome?** 2009. 102f. Monografia (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

afunda na lama fétida e, afundando-se na lama, servirá de alimento para os caranguejos onde estes cuidarão de alimentar o próprio homem.⁷⁴

[...] eu vi e senti formigar dentro de mim a terrível descoberta da fome. Da fome de uma população inteira escravizada à angústia de encontrar o que comer. Vi os caranguejos espumando de fome à beira da água, à espera que a correnteza lhes trouxesse um pouco de comida, um peixe morto, uma casca de fruta, um pedaço de bosta que eles arrastariam para o seco matando sua fome. E vi, também, os homens sentados na balaustrada do velho cais a murmurarem monossílabos, com um talo de capim enfiado na boca, chupando o suco verde do capim e deixando escorrer pelo canto da boca uma saliva esverdeada que me parecia ter a mesma origem da espuma dos caranguejos: era a baba da fome.⁷⁵

Nesta obra o autor concentra sua atenção nos sujeitos que vivem nos mangues lamacentos do rio Capibaribe, nas áreas centrais da cidade de Recife. A constante luta pela sobrevivência é dada por estes sujeitos que encontraram nos caranguejos uma fonte de alimentação e de renda.⁷⁶

Josué de Castro em outra obra chamada de *Fome: um tema proibido*, registra uma passagem sobre os sintomas da fome. De acordo com suas palavras, a sensação do vazio corroendo o estômago, faz o indivíduo perder sua consciência, seus escrúpulos, sua moral e podendo ser comparado a qualquer outro animal faminto.⁷⁷

⁷⁴ SILVA, Wagner Carlos Da. Nos alagados do Recife como caranguejo: a representação do homem-caranguejo em Josué de Castro. In: XXVII Simpósio Nacional de História. **Conhecimento histórico e diálogo social** – ANPUH, Natal, 2013.

⁷⁵ CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 17.

⁷⁶ SILVA, Wagner Carlos Da. Nos alagados do Recife como caranguejo: a representação do homem-caranguejo em Josué de Castro. In: XXVII Simpósio Nacional de História. **Conhecimento histórico e diálogo social** – ANPUH, Natal, 2013.

⁷⁷ ROUANET, Luiz Paulo. **Moralidade e Pobreza**. Florianópolis, v. 6, n. 4, p. 47-55, Ago 2007.

A fome age não apenas sobre os corpos das vítimas da seca, consumindo sua carne, corroendo seus órgãos e abrindo feridas em sua pele, mas também age sobre seu espírito, sobre sua estrutura mental, sobre sua conduta moral. Nenhuma calamidade pode desagregar a personalidade humana tão profundamente e num sentido tão nocivo quanto a fome, quando atinge os limites da verdadeira inanição. Excitados pela imperiosa necessidade de se alimentar, os instintos primários são despertados e o homem, como qualquer outro animal faminto, demonstra uma conduta mental que pode parecer das mais desconcertantes.⁷⁸



Imagem 4 – *Os Retirantes* foi um quadro pintado por Cândido Portinari em 1944. A obra retrata o sofrimento dos emigrantes que fugiam da seca do nordeste e da fome do sertão em busca de sobrevivência. O artista conseguiu retratar feições de magreza, fome e miséria expressas por uma família de retirantes. A obra encontra-se no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Fonte: Portinari.org



Imagem 5 – *A Fome e o brado* de Abelardo da Hora (1947), bronze. Na escultura é possível perceber a fome que se manifesta nos rostos esqueléticos e nos corpos magricelos da família (pai, mãe, bebê e filhos). Eles assumem uma postura de defesa frente ao ambiente e sofrimento que vivem, conhecedores da seca do sertão nordestino. Fonte: Dimitrov (2013).

Saindo do contexto dos romances regionalistas, outro registro literário teve repercussão importante sobre a temática e por isso merece destaque.

É o caso da obra, que foi o centro das discussões deste trabalho, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Carolina Maria de Jesus, autora

⁷⁸ ROUANET, Luiz Paulo. **Moralidade e Pobreza**. Florianópolis, v. 6, n. 4, p. 47-55, Ago 2007, p. 51.

do livro, descreve o cotidiano cruel vivenciado pelos miseráveis da favela do Canindé situada em São Paulo. Os escritos dos cadernos encardidos de Jesus mostram uma visão de dentro da favela, a realidade de uma condição de vida subumana onde tem a fome como personagem trágica e inarredável.⁷⁹ “A fome aparece no texto com uma frequência irritante [...] tão grande e tão marcante que adquire cor [...]”.⁸⁰ Na obra, Carolina utiliza a escrita como um fator protetor perante a vulnerabilidade social instalada ao seu redor, usando-a para registrar, de acordo com sua perspectiva, as constantes lutas em busca da sobrevivência.

Dessa forma, observa-se uma difusão dos escritos literários que evidenciam o fenômeno da fome. A literatura, como expressão artística, tem cumprido seu papel de disseminador do conhecimento humanístico, do ato de criação e da produção artística. Como foi visto, a literatura pode viabilizar a produção de estudos científicos por uma ótica que rompe com o pragmatismo dos estudos cartesianamente biomédicos. Assim, encontra-se no diálogo da literatura com o tema da fome, uma maneira de despertar no mundo inquietações do imaginário, (re)pensando sobre como compreender os aspectos singulares daqueles que têm fome.

⁷⁹ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005.

⁸⁰ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 3, Prefácio.

3.3. CAROLINA SEGUNDO QUARTO DE DESPEJO

Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade mineira de Sacramento, no triângulo Mineiro, no ano de 1914 – porém, ainda há controvérsias quanto à data. Nascida em uma família de negros e mulatos, foi criada pela mãe, Maria Carolina, e pelo avô, Benedito José da Silva, a qual possuía bons vínculos afetivos com ambos.⁸¹

A mãe da escritora era uma mulher que também enfrentou preconceitos relacionados à condição de ser uma mulher negra. Assim como Carolina, exerceu a função de lavadeira de roupas para garantir a renda e o sustento do domicílio. Embora casada com um homem que não era o pai biológico de Carolina, assumiu publicamente ter tido uma relação extraconjugal e, com isso, sofreu com atitudes moralistas e discriminatórias dos moradores ao julgarem seus atos. Com o nascimento de Carolina, o marido a abandonou. Ressalta-se que ela nunca morou com o pai biológico da escritora.⁸²

As poucas informações que Carolina tinha sobre seu pai eram fornecidas por sua mãe. Segundo ela, era um negro chamado João Cândido Veloso, filho de Joana Veloso, um músico popular que tocava em casas noturnas. Maria Carolina, sua mãe, o descreve como um homem que: “não gostava de trabalhar.”⁸³ [...] Ele só tinha um terno de roupas. Quando ele lavava sua roupa, ele ficava deitado nu. Esperava a roupa secar para vesti-la e sair”.⁸⁴

Com o desconhecimento afetivo e a ausência da presença paterna, Carolina pareceu compensar esta falta com seu avô materno. Benedito da Silva era um ex-escravo descendente de africanos e costumava contar

⁸¹ SILVA, José Carlos Gomes da. Memórias da infância e juventude em Carolina Maria de Jesus (1914-1977). **Revista de Ciências Sociais ponto-e-vírgula**, São Paulo, v. 2, p. 97-112, 2007.

⁸² SILVA, José Carlos Gomes da. Memórias da infância e juventude em Carolina Maria de Jesus (1914-1977). **Revista de Ciências Sociais ponto-e-vírgula**, São Paulo, v. 2, p. 97-112, 2007.

⁸³ SILVA, José Carlos Gomes da. Memórias da infância e juventude em Carolina Maria de Jesus (1914-1977). **Revista de Ciências Sociais ponto-e-vírgula**, São Paulo, v. 2, p. 97-112, 2007.

⁸⁴ JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

histórias para a neta.⁸⁵ A escritora sempre o referenciava de forma amável, descrevendo-o como: “um preto alto e calmo. Resignado com o soldo da escravidão. Não sabia ler, mas era agradável no falar. Foi o preto mais bonito que já vi até hoje”.⁸⁶

Desde muito cedo, Carolina teve uma infância difícil e extremamente pobre, trabalhava com a mãe na roça e contribuía no serviço pesado de casa. Nesta passagem de sua obra *Diário de Bitita*⁸⁷ (1986), Carolina narra sobre como era o seu trabalho enquanto ainda era uma menina:

Minha mãe cozinhava com lenha. Nós não podíamos comprar, íamos buscá-la no mato. [...] Levávamos um machado. Que suplício andar no mato procurando um pau aqui, outro ali. Quando encontrávamos um pau seco, que alegria! Era como se encontrássemos um filão de ouro. Era aquela andança dentro do mato, das sete ao meio-dia. Eu gostava de ir para comer frutas silvestres – jatobá, pitanga, gabirola, araticum, maracujá e marmelo-de-cachorro. Não gostava do retorno. Minha mãe me obrigava a carregar um feixe de lenha. Eu era fraca e não suportava o peso. Mas não podia reclamar. Já estava começando a compreender que para viver temos que nos submeter aos caprichos de alguém. Quando não é a mãe, é o esposo ou o patrão. Que dor horrível nas pernas! O peso me comprimia para baixo, como se quisesse introduzir minhas pernas dentro da terra. Quando chegava em casa e jogava o feixe de lenha, que alívio! Ia sentar para descansar.⁸⁸

Embora tivesse que trabalhar desde cedo, a escritora foi alfabetizada e estudou até o segundo ano primário, graças a uma instituição espírita.⁸⁹

Em 1937, na condição de negra, mulher e pobre, migrou para a cidade São Paulo em busca de melhorias de vida. O motivo de sua saída de Minas Gerais foi devido à impetuosa miséria instalada que abatia os camponeses desafortunados. Após peregrinar no interior das cidades do estado de São Paulo, chegou na capital e logo começou trabalhar em

⁸⁵ SILVA, José Carlos Gomes da. Memórias da infância e juventude em Carolina Maria de Jesus (1914-1977). *Revista de Ciências Sociais ponto-e-vírgula*, São Paulo, v. 2, p. 97- 112, 2007.

⁸⁶ JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

⁸⁷ *Bitita* era o apelido de infância da autora.

⁸⁸ JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 96-97.

⁸⁹ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. *Revista USP*, São Paulo, v. 37, p. 82 – 91, 1998.

diversas profissões, desde empregada doméstica até artista de circo. Como doméstica, trabalhou em algumas casas de famílias. Insatisfeita com o trabalho, Carolina decidiu alçar novos voos e passou a trabalhar como catadora de papel nas ruas paulistas. Com este tipo de trabalho, encontrou mais tempo para cuidar dos filhos, ser doméstica do próprio lar, bem como realizar suas leituras e registros nos diários.⁹⁰

Moradora da primeira grande favela de São Paulo, mãe solteira de três filhos – José Carlos, João José e Vera Eunice – cada um de pais diferentes, escrevia páginas e páginas no seu diário com o intuito de publicá-lo (Imagem 6).⁹¹ Mais tarde, a poetisa não imaginava que o diário em que ela escrevia habitualmente iria se transformar em um livro, um fenômeno editorial logo na sua primeira edição.

Depois de várias tentativas frustradas de publicações mal sucedidas, em abril de 1958 um jovem jornalista - Audálio Dantas – enquanto ia realizar uma reportagem na favela do Canindé, sobre a instalação de equipamentos de *playground* pela prefeitura, conheceu Carolina e, com o consentimento da autora, teve acesso aos seus manuscritos nos diários (Imagem 7).⁹² Ocorre que ainda há controvérsias sobre até que ponto os textos de Carolina seguiram sua real originalidade.

Logo no prefácio de *Quarto de Despejo*, Dantas explica que procurou manter a originalidade do texto da escritora, incluindo também seus erros de grafia. No entanto, segundo o jornalista (co-autor), alguns recortes feitos foram necessários, uma vez que, muitas passagens poderiam vir a ser consideradas perturbadoras para a sociedade da época.⁹³

⁹⁰ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. **Revista USP**, São Paulo, v. 37, p. 82 – 91, 1998.

⁹¹ QUERIDO, Alessandra Matias. Autobiografia e autorretrato: cores e dores de Carolina Maria de Jesus e de Frida Kahlo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 384, 2012.

⁹² SILVA, José Carlos Gomes da. História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus. In: SEIXAS, Jacy & CERASOLI, Josiane (org). **UFU 30 Anos. Tropeçando Universos**. Uberlândia, EDUFU, 2008.

⁹³ FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Cartografando uma Literatura Menor: a Poética dos Resíduos de Carolina Maria De Jesus. **Revista Patrimônio e Memória**, São Paulo: UNESP, v.2, n.1, p. 201, 2006.

Durante a etapa de publicação, Audálio Dantas promove uma revisão gramatical e vocabular dos escritos, além de organizá-los numa estrutura própria. Nessa etapa, observaram-se três tipos de modificação em relação aos manuscritos: acréscimos, substituições e supressões. No processo de transposição dos diários, houve evidências de que o editor quis compor uma imagem da autora diferente dos seus manuscritos.⁹⁴

Porém, houve modificações comprometedoras, no sentido de que algumas informações acabaram por subtrair à coerência do discurso de Carolina e, sobretudo, no que tange a construção de sua imagem. As supressões ocorreram desde a omissão de vocábulos, orações, parágrafos, páginas que registraram dias, semanas, meses, até a retirada de um caderno inteiro, como é o caso do Caderno 21, com 400 páginas manuscritas inéditas. Salienta-se que não existiu nenhum caderno que tenha sido publicado em sua íntegra.⁹⁵

A observação que se faz desses registros omitidos é que houve a necessidade de restringi-los, pois a proporção de escritos em cadernos era tamanha. Nesse sentido, isto certamente pode explicar a organização adotada pelo editor, seguindo uma ordem temporal na seleção dos manuscritos. Além disso, para explicar o número de supressões, Dantas aponta que Carolina, na ânsia de escrever tudo, faz muitas repetições e que por se tratar de um diário narrado, a rotina de uma chefe de família pobre e catadora de lixo é algo que não tem muitas variações.⁹⁶

Em agosto de 1960, *Quarto de despejo* foi publicado proporcionando-lhe prestígio na mídia, reconhecimento e uma situação financeira estável.⁹⁷ A obra foi um sucesso absoluto, atingiu cerca de 100 mil exemplares, que

⁹⁴ PERPÉTUA, Elzira Divina. Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 22, Brasília, p. 63-83, 2003.

⁹⁵ PERPÉTUA, Elzira Divina. Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 22, Brasília, p. 63-83, 2003.

⁹⁶ PERPÉTUA, Elzira Divina. Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 22, Brasília, p. 63-83, 2003.

⁹⁷ SILVA, José Carlos Gomes da. História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus. In: SEIXAS, Jacy & CERASOLI, Josiane (org). **UFU 30 Anos. Tropeçando Universos**. Uberlândia, EDUFU, 2008.

foram traduzidos em 13 línguas diferentes, em mais de 40 países (Imagem 8 e 9).⁹⁸

Carolina teve uma extensa produção literária. Sua trajetória em escritos abrangia um conjunto de textos diversos registrados nas formas de diários, peças teatrais, provérbios, contos, romances, cartas e bilhetes, textos memorialísticos e poemas. Abaixo (Quadro 1) segue a relação dos principais trabalhos escritos da autora.

⁹⁸ QUERIDO, Alessandra Matias. Autobiografia e autorretrato: cores e dores de Carolina Maria de Jesus e de Frida Kahlo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 384, 2012.

Quadro 1. Principais produções literárias de Carolina Maria de Jesus.

Número	Natureza da produção	Título	Local de publicação	Ano de publicação
1	Diário	<i>Quarto de despejo: diário de uma favelada</i>	São Paulo	1960
2	Diário	<i>Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada</i>	São Paulo	1961
3	Provérbios	<i>Os provérbios de Carolina Maria de Jesus</i>	São Paulo	1963
4	Romance	<i>Pedaços da fome</i>	São Paulo	1963
5	Texto memorialístico	<i>Diário de Bitita</i>	Rio de Janeiro	1986
6	Texto memorialístico	<i>Sócrates Africano</i>	Rio de Janeiro	1994
7	Texto memorialístico	<i>Minha vida</i>	Rio de Janeiro	1994
8	Diário	<i>Meu estranho diário</i>	São Paulo	1996
9	Poema	<i>Antologia Pessoal</i>	Rio de Janeiro	1996
10	Romance	<i>O escravo</i>	-	-
11	Peça de teatro	<i>Obrigado Senhor vigário</i>	-	-

Fonte: Silva (2008).

As memórias e depoimentos sobre a infância e juventude de Carolina, são relatados, em sua maioria, na obra *Diário de Bitita* (1986). A narrativa reúne um registro enriquecido de descrições de situações vividas, fatos sobre a família, relatos de temas do cotidiano, e possibilita contemplar marcos cronológicos de sua trajetória de vida, viabilizando ao leitor referências sobre datas fixadas pela própria escritora. Portanto, esta obra é um dos mais importantes registros de memórias da infância e juventude de Carolina. Além do *Diário de Bitita* como obra memorialística, os textos

Sócrates Africano e *Minha vida* também registram informações sobre sua infância e juventude.⁹⁹

Através das produções literárias de Carolina torna-se possível relatar sua história de vida fragmentando-a em quatro períodos distintos: (1) período da infância em Sacramento que se estendeu num período até 1937; (2) período de migração para a capital paulista num intervalo entre 1937 e 1948, onde se encerra com sua chegada à favela do Canindé-SP; (3) período de saída da favela e sua fixação em uma chácara em Parelheiros, compreendendo um intervalo entre 1948 e 1964; (4) período em que passou a residir em Parelheiros, entre 1964 e 1977.¹⁰⁰

Após o auge de sua carreira como escritora, Carolina caiu no esquecimento do público depois do sucesso de *Quarto de despejo*. Conseguiu publicar algumas obras como o romance *Pedaços de fome* e as suas memórias em o *Diário de Bitita*, porém estas não foram bem sucedidas. Em seguida, passou a depender da renda assegurada pelos direitos autorais que lhe chegavam do exterior.¹⁰¹

Em fevereiro de 1977, morreu aos 62 anos, a cinderela do lixo, em condições de pobreza.

⁹⁹ SILVA, José Carlos Gomes da. Memórias da infância e juventude em Carolina Maria de Jesus (1914-1977). *Revista de Ciências Sociais ponto-e-vírgula*, São Paulo, v. 2, p. 97- 112, 2007.

¹⁰⁰ SILVA, José C. G. História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus. In: SEIXAS, Jacy & CERASOLI, Josiane (org). **UFU 30 Anos. Tropeçando Universos**. Uberlândia, EDUFU, 2008.

¹⁰¹ SILVA, José C. G. História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus. In: SEIXAS, Jacy & CERASOLI, Josiane (org). **UFU 30 Anos. Tropeçando Universos**. Uberlândia, EDUFU, 2008.



Imagem 6 – Fotografia de Carolina Maria de Jesus e filhos nos bastidores de um programa de TV não identificada, em 1962. Fonte: Google.



Imagem 7 – Fotografia de Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas na favela no Canindé em São Paulo. Fonte: Google.



Imagem 8 – Carolina Maria de Jesus no lançamento da sua primeira obra *Quarto de Despejo*. Na fotografia a escritora do lixo autografa os primeiros exemplares. Provável ano da foto entre 1960 e 1961. Fonte: Google.



Imagem 9 – Encontro das escritoras Clarice Lispector (à esquerda) e Carolina Maria de Jesus. Local e data desconhecidos. Fonte: Google.

4. DESVENDANDO A FAVELA DE CAROLINA: OS CAMINHOS ATÉ QUARTO DE DESPEJO

4.1. O MÉTODO: ALIMENTAÇÃO E LITERATURA - A ARTE COMO OBJETO DE CONHECIMENTO

O conhecimento das ciências do humano está baseado nos aspectos bio-sócio-antropo-históricos da condição humana, que estuda o homem como indivíduo, ser social e, conseqüentemente, os produtos oriundos de sua essência, provenientes de sua imaginação e criação como, por exemplo: a arte. Deste modo, pode-se dizer que em toda grande obra de arte há um pensamento profundo sobre a condição humana.¹⁰²

Alguns estudos se propõem a pensar em questões sócio-culturais da alimentação humana pela via da literatura, compreendendo-a como objeto de conhecimento.^{103,104} Por exemplo, Michelle Medeiros em um estudo sobre uma culinária indócil, utilizou a obra *Em busca do tempo perdido* do francês Marcel Proust como *corpus* de pesquisa. Nessa pesquisa, foi possível demarcar e problematizar o conceito de culinária – compreendendo-a como um sistema cultural alimentar -, caracterizando-a como indócil a partir de cinco pontos elencados na *Recherche*^{105,106}. Desse modo, a autora, citando Roland Barthes¹⁰⁷, defende a afirmação de que o discurso literário parte do imaginário, do devir, da subjetividade, da incerteza, elementos indissociáveis do humano e que, portanto, a literatura é compreendida como criação. Além disso, deve ser considerado que a literatura é mais do que uma escrita ficcional e imaginativa,

¹⁰² MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução: Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 45.

¹⁰³ PEREIRA FILHO, Waldemar Rodrigues. A fome: ânsia ou carência. Uma Leitura das obras de Rodolfo Teófilo e Knut Hamsun. **Anais do seta**, [S.l.], n. 4, 2010.

¹⁰⁴ SANTOS, Maricélia Nudes dos; SOUZA, Wagner de. Quarto de despejo – Manifestação do discurso feminino na literatura brasileira, **Revista Travessias**, v. 5, n. 2, 2011.

¹⁰⁵ *Recherche* significa “busca” em francês. Termo empregado para se referir a obra *Em Busca do tempo perdido* de Marcel proust.

¹⁰⁶ MEDEIROS, Michelle. **Marcel Proust para além das madeleines**. Uma culinária indócil. 2014. 252f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

¹⁰⁷ BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ou uma “escrita bonita”. Por meio dela permite-se ir “[...] para além de um enunciado maquiado por uma precaução que teme o incerto, o involuntário, a criação, a literatura é uma enunciação que expõe dobras que auxiliam na compreensão do humano.”¹⁰⁸

Para Barthes (2007) a literatura é como uma “trapaça salutar, uma esquiva, um logro magnífico”, pois através dela a língua está fora do poder – o discurso da arrogância – permitindo que as forças da liberdade se façam presentes na literatura, assumindo assim, liberdade de escrita. O autor ainda afirma que caso as disciplinas do ensino acabassem, apenas uma deveria ser salva: a literatura, pois ela é um monumento transdisciplinar por excelência, ou seja, todas as ciências estão presentes nesse monumento literário.¹⁰⁹

Segundo Pinto e Medeiros (2011), a literatura é uma expressão artística e imaginária do humano, é um modo de despertar a criatividade e a imaginação para dialogar com o mundo, permitindo ao homem falar de si e sobre si.¹¹⁰ Através da literatura o ser humano é capaz de ter autonomia de ser criador, podendo expressar, em linguagem escrita, sua imaginação como fruto do conhecimento humano.

Assim sendo, é fundamental que sejam despertadas algumas questões: é possível dialogar sobre a literatura como fonte de estudos para compreensão de fenômenos alimentares? Os registros literários conseguem desvelar os enigmas da subjetividade?

O antropólogo Lévi-Strauss em seu discurso na obra *Mito e significado*, fala da relevância atual da constituição de uma nova ciência, na qual a explicação científica deve ser pautada na percepção dos sentidos, dos significados, e da verdade que deve ser explicada “[...] tentando compreender que tipo de sistema original forma o seu conjunto.”¹¹¹ Para

¹⁰⁸ MEDEIROS, Michelle. **Marcel Proust para além das madeleines**. Uma culinária indócil. 2014. 252f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014, p. 22.

¹⁰⁹ BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 16.

¹¹⁰ PINTO, Vera Lucia; MEDEIROS, Michelle. **Literatura e alimentação: delicatessen** na formação em saúde. Natal: Editora da UFRN, 2011.

¹¹¹ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Tradução de António Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978, p. 13.

Lévi-Strauss foi necessário o movimento de divórcio (ruptura) entre o pensamento científico e a lógica do concreto – pensamento voltado aos significados e sua relevância – uma vez que essa experiência trouxe uma possibilidade de constituição do conhecimento científico.

Morin em *A cabeça bem-feita* reforça a ideia de que a visão hegemônica científica por si só não é capaz de considerar a vida como, de fato, ela é, visto que “o conhecimento fragmentado só serve para uso técnico”¹¹². Dessa forma, a visão científica não consegue integrar e aplicar os conhecimentos adquiridos perante a condição humana. Para Morin é necessário romper com a fragmentação do conhecimento científico e realizar a união entre esses saberes. O autor também se pronuncia sobre a cultura humanística. Segundo ele:

é uma cultura genérica, que, pela via da filosofia, do ensaio, do romance, alimenta a inteligência geral, enfrenta as grandes interrogações humanas, estimula a reflexão sobre o saber e favorece a integração pessoal dos conhecimentos.¹¹³

Assim, como expressão livre desta vida humana e de sua essência é que a literatura pode servir como peça de análise da condição humana. Através da relação com literatura, pode-se abrir uma reflexão sobre como a alimentação dialoga o humano. Segundo Pinto, em *A Última ceia: por uma diet(ética) polifônica*, percebe-se que:

o fazer literário toma a alimentação por uma via amplificada, sendo capaz de abranger aspectos relegados pelos textos de culinária e nutrição, que predominantemente se utilizam de uma análise extremamente técnica, cartesiana, para expor o conhecimento alimentar. Sendo a literatura uma das formas encontradas pelo homem para comunicar-se, fazer-se sentir e mostrar-se num mundo de (des)encontros torna-se capaz de evidenciar uma perspectiva totalizante da alimentação humana, em que razão e emoção caminham *pari passo*.¹¹⁴

¹¹² MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução: Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 17.

¹¹³ MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução: Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 17.

¹¹⁴ PINTO, Vera Lucia Xavier. **A última ceia**: por uma diet(ética) polifônica. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2000, p. 66.

Nesse sentido, compreende-se que a alimentação nos registros literários, exprime uma abordagem mais abrangente e completa desse saber, trazendo uma análise voltada para os sentidos e significados em consonância com a razão.

Revel defende a ideia de estudar a história da alimentação por meio dos registros literários. Para ele os livros de culinária dedicam-se mais à prescrição que à descrição, podendo exprimir preconceitos em relação à práticas alimentares que seus autores julgavam indesejáveis, assim, julgam em vez de apenas relatar.¹¹⁵ Desse modo, o registro literário é realizado de forma espontânea como um dom, na qual sofre espasmos involuntariamente pelo seu criador¹¹⁶.

Portanto, a literatura se torna um meio adicional e potente para compreender os questionamentos profundos da condição humana, uma vez que possibilita um pensar voltado para a subjetividade do indivíduo ou da coletividade, rompendo assim com o pensamento pragmático e objetivo aos quais frequentemente os estudos biomédicos e epidemiológicos se propõem.

Dessa forma, trabalhar a questão da fome através do viés literário é de fato uma forma viável de método para estudos acadêmicos, pois permite (1) que o pesquisador reflita sobre a problemática em questão em seus diferentes enfoques e assim realize correlações com temáticas inerentes ao contexto da atualidade; e (2) que o artista é o mediador dessa construção do conhecimento, visto que ele expõe o universo que existe dentro de si, não se comprometendo apenas em mostrar as denúncias sociais, mas dialogando também com um imaginário coletivo que permeia a questão. Então, a literatura é importante, pois excita a imaginação, proporcionando um deslocamento do imaginário para outras dimensões, fala sobre o mundo e, sobretudo, atinge com a condição do sujeito.

No campo acadêmico científico, alguns estudos se propõem a buscar respostas direcionadas à problemática da fome através da literatura. Medeiros (2009) realizou um estudo com produções literárias sobre como

¹¹⁵ PINTO, Vera Lucia; MEDEIROS, Michelle. **Literatura e alimentação: *delicatés* na formação em saúde.** Natal: Editora da UFRN, 2011, p. 61.

¹¹⁶ DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos.** 2. ed. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

pensar o ritual de comensalidade para aqueles em situação de fome. Com isso, objetivou desvelar como as pessoas na condição de fome reagem à privação dos ritos de comensalidade. A pesquisa contemplava três diferentes faces da fome para discutir este fenômeno: (1) insegurança alimentar; (2) anorexia nervosa; (3) jejuns com motivações espirituais.¹¹⁷

Em outro estudo de análise literária, se discutia a questão da fome no Brasil através de dois postulados: de um lado trouxe o discurso de Josué de Castro em *Geografia da fome* e do outro Graciliano Ramos em *Vidas Secas*. Ao explorar os dados, a autora confrontou as hipóteses de Josué e Graciliano, e construiu uma análise em dois momentos: no primeiro momento foi dedicado à conceituação da problemática, na qual buscava construir uma determinada categoria da fome; e no segundo momento interpretou os discursos de ambos, a fim de propor críticas que consolidem de forma efetiva a situação da fome no Brasil.¹¹⁸

Neste trabalho, a literatura foi utilizada como o objeto de conhecimento por meio da obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo – o diário de uma favelada*.

4.2. NATUREZA DA PESQUISA

O desenvolvimento de pesquisas de cunho qualitativo no campo da saúde tem sido crescente nos últimos anos. No campo da Alimentação e Nutrição não tem sido diferente, cada vez mais amplia-se a concepção de uma abordagem social em estudos nesta área, trazendo um enfoque voltado para os aspectos sociais e humanísticos, antes limitados aos inquéritos alimentares, aos determinantes da fome, à avaliação nutricional.¹¹⁹

¹¹⁷ MEDEIROS, Michelle. **Comensalidade: um rito de socialização vencido pela fome?** 2009. 102f. Monografia (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

¹¹⁸ KIFFER, Ana Paula. Graciliano Ramos e Josué de Castro: um debate acerca da fome no Brasil. **Via Atlântica**, Rio de Janeiro, 2009.

¹¹⁹ VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. Os arquivos brasileiros de nutrição: uma revisão científica em nutrição no Brasil (1944-1968), **Caderno de Saúde Pública**, v. 15, n. 2, p. 303-16, 1999.

Segundo Canesqui (2009), os estudos qualitativos ampliaram a interlocução da área da alimentação com as Ciências Sociais e Humanas, possibilitando uma compreensão da complexidade do fenômeno alimentar nas suas dimensões subjetivas, simbólicas, representativas e valorativas, para além das barreiras epidemiológicas e biomédicas.¹²⁰

O emprego de métodos qualitativos em pesquisas visa a utilização de técnicas voltadas para a interpretação dos significados e sentidos dos conteúdos e objetiva “traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social”.¹²¹ Nesse sentido, pode-se considerar que toda ciência é qualitativa, pois estabelece uma qualidade ao seu objeto de estudo a fim de interpretá-lo, compreendê-lo, explicá-lo. A quantidade está indissociada da qualidade, visto que o dado quantitativo não fala por si só, nada o representa sem antes requerer interpretações que o alimentam, sendo elas afirmativas ou negativas.¹²²

Deste modo, percebe-se que a pesquisa qualitativa dentro do campo da Alimentação e Nutrição possibilita o diálogo com as demais áreas do conhecimento, principalmente com as Ciências Sociais e Humanas. Busca o significado, a compreensão e o sentido dos fenômenos, bem como restaura uma ruptura da objetividade do conhecimento.

O presente estudo utilizou uma metodologia de pesquisa de cunho qualitativo, que tomou como *corpus* a obra literária *Quarto de Despejo* da brasileira Carolina Maria de Jesus.

4.3. ESCOLHA DO *CORPUS* DA PESQUISA

A miséria instaurada, a lama podre e excrementos fétidos entre barracos, a extrema pobreza e um povo condenado por uma mazela intocável, a fome. Essas são algumas características descritas por Carolina

¹²⁰ CANESQUI, Ana Maria. Pesquisas qualitativas em nutrição e alimentação, **Revista de Nutrição**, v. 22, n. 1, p. 125-139, 2009.

¹²¹ NEVES, José Luiz. Pesquisa Qualitativa - Característica, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, v. 1, n. 3, 1996.

¹²² BRICEÑO-LEÓN, Roberto. Quatro modelos de integração de técnicas qualitativas e quantitativas de investigação nas ciências sociais, In: **O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde**, p. 157-83, 2003.

Maria de Jesus para retratar o cenário vivenciado por ela e pelos miseráveis da favela do Canindé situada em São Paulo no Brasil.

Quarto de despejo foi a obra eleita como *corpus* da pesquisa, pelo fato de que, os registros de Carolina Maria de Jesus, a autora da obra, carregam a essência de vida da escritora que convive com a mazela da fome e utiliza a escrita como uma arma de superação, perante toda a situação de precariedade que vivencia. A obra é apresentada na forma de diário, o que conduz ao leitor enxergar a realidade envolta de Carolina com os olhos e sentimentos dela, que se subjetiva em sua escrita. Concorda-se com Calligaris (1998) ao pensar que na narrativa biográfica o fato em si não é o que mais importa, mas uma verdade que habita o sujeito de onde provem um modo de narrar.¹²³ Carolina não apenas traz fatos, ela escolhe o que narrar, como narrar.

O escrito biográfico para o autor tem um forte elemento de criação (literatura): o diário é uma aventura a ser inventada. É importante destacar que esta obra trata-se de um diário e, portanto, traz consigo a expressão literária como uma sucessão de fatos ocorridos e vivenciados durante o cotidiano na forma de um registro pessoal. Partindo desse pressuposto, Carolina em seu diário torna-se uma autora/narradora que, de modo intuitivo, desbrava sua reflexão, sua discussão e seus julgamentos sobre a sua condição de vida e a dos favelados, tornando-se uma porta voz da classe marginalizada.

Sabe-se que a ficção e a realidade estão interrelacionadas, e que a literatura, quando preciso cumpre seu papel como veículo de denúncia social.¹²⁴ Porém, o diário de Carolina vai além das colocações a cerca das iniquidades sociais, trata-se também de uma autobiografia, com o intuito de retratar o seu eu, de afirmar a identidade que ela deseja transparecer. Contudo, há traços de realidade e ficção nos relatos autobiográficos, pois o artista ao se representar decide que imagem pretende transmitir e qual

¹²³ CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos, **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998.

¹²⁴ LIEBIG, Sueli Meira. Redescobrimo Carolina Maria de Jesus, cidadã do mundo. **Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura / V Seminário Internacional Mulher e Literatura**. Available: http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/sueli_meira.pdf [Accessed 25 March 2015].

identidade deseja expor.¹²⁵ Toma-se como exemplo a ação de tirar uma fotografia, na qual Roland Barthes afirma: "Louca ou sensata? A fotografia pode ser uma ou outra: (...) cabe a mim escolher, submeter seu espetáculo ao código das ilusões perfeitas ou afrontar nela o despertar da intratável realidade."¹²⁶ Assim, quando o sujeito sente-se olhado pela objetiva da câmera tudo muda, pois este sujeito fabrica-se instantaneamente e assim decide que imagem deseja passar.¹²⁷

4.4. ANÁLISE DE DADOS

Os dados da pesquisa foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo de Bardin que percorreu o seguinte trâmite: pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados, inferências e interpretações.¹²⁸

Na fase de pré-análise, inicialmente foi realizado a leitura integral da obra e em concomitância foram feitos grifos de passagens que remetiam ao conteúdo problematizador deste estudo, a fome. O conjunto desses grifos foram digitados e utilizados como suporte para a construção de um arquivo digital, uma ferramenta de coleta de dados que serviu de apoio para análise do conteúdo do *corpus*. Esta ferramenta de coleta foi escolhida a partir de um estudo de Medeiros (2014), onde utilizou o arquivo digital para reunir as principais informações que foram pertinentes ao seu objetivo de pesquisa.¹²⁹

O arquivo digital compõe uma ferramenta de sistematização da pesquisa. Sua organização se deu no formato de uma grelha que continha

¹²⁵ QUERIDO, Alessandra Matias. Autobiografia e autorretrato: cores e dores de Carolina Maria de Jesus e de Frida Kahlo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 384, 2012.

¹²⁶ BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 175.

¹²⁷ BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

¹²⁸ BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona; 1977.

¹²⁹ MEDEIROS, Michelle. **Marcel Proust para além das madeleines**. Uma culinária indócil. 2014. 252f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

informações pontuais sobre a fome na obra. O modelo da grelha foi construído considerando tais fragmentos: (1) página da citação e a data fornecida no diário; (2) citação da obra; (3) comentário geral referente à citação; (4) expressão-chave. O exemplo pode ser melhor visualizado no quadro abaixo (Quadro 2).

Quadro 2. Modelo de grelha usado para a construção do arquivo digital.

Página e data	Citação	Comentário	Expressão-chave
---------------	---------	------------	-----------------

Fonte: Medeiros (2014).

Ao final da coleta, o arquivo totalizou 31 páginas e 112 citações encontradas que se remetiam a trechos que tentam responder ao objetivo deste estudo. Esta etapa corresponde à fase de exploração do material.

Com os dados organizados, em seguida foram elaboradas categorias de análises sistematizadas que estruturam os resultados do trabalho. Para organizar esta categorização, foram divididos os trechos em cores distintas (verde, rosa, amarela, azul e laranja) segundo com cada categoria encontrada (ver Apêndice A e B). Nesta etapa de tratamento dos dados, inferências e interpretações foram realizadas.

5. AS IMAGENS DA FOME NO DIÁRIO DE UMA FAVELADA

A partir dos resultados encontrados na pesquisa foi possível sistematizar tópicos de análises que desvelam a compreensão do fenômeno da fome em *Quarto de despejo*: (1) A fome como uma iniquidade social: de Carolina aos dias atuais; (2) A mesa de Carolina: comida de favelado; (3) A poetisa do lixo: a escrita como arma contra a fome; (4) A favela como espaço insalubre: o quarto de despejo da humanidade.¹³⁰

5.1. A FOME COMO UMA INIQUIDADE SOCIAL: DE CAROLINA AOS DIAS ATUAIS

5.1.1. A violação do direito humano à alimentação de Carolina

Os escritos encardidos dos diários de Carolina deixam marcadas as condições subumanas que os moradores da favela do Canindé estavam submetidos. Fome, pobreza, péssimas condições de moradia em cortiços e barracos, violência e outros elementos, caracterizam um cenário de violação dos direitos humanos e, principalmente, a violação do DHAA.

Como consequência do descumprimento e da violação do DHAA a situação de Insegurança Alimentar e Nutricional é instaurada. Em *Quarto de despejo*, Carolina enfrenta cotidianamente situações de privação alimentar que perpassam os três níveis de ISAN. O medo ou o receio de sofrer fome, caracterizado como quadro de ISAN leve de acordo com a Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA), é vivenciado durante toda a obra. Carolina perante suas manhãs se aflige receosa pelo o que “não” possa encontrar em sua despensa: “De manhã eu estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer”.¹³¹ O medo e a preocupação da autora apenas se calam com o suprimento de suas necessidades alimentícias, onde a sensação de alívio é estabelecida de imediato: “Ganhei dois quilos de

¹³⁰ **Nota:** todas as citações diretas retiradas da obra *Quarto de despejo* mantiveram sua originalidade, incluindo os erros de grafia da autora.

¹³¹ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 44.

arroz, idem de feijão e dois quilos de macarrão [...] O nervoso interior que eu sentia ausentou-se”.¹³² Em outras passagens, pode-se observar a restrição na quantidade de alimentos no domicílio de Carolina. Além da diminuição da quantidade, salienta-se que a qualidade do alimento também é comprometida: “Fui buscar água. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comesse carne com farinha”.¹³³ Do mesmo modo, a situação de fome atinge seu nível máximo na vida de Carolina, quando compromete não somente sua alimentação, mas também a de seus filhos, caracterizando um quadro de ISAN grave: “Porque a fome é a pior coisa do mundo. Eu disse para os filhos que hoje nós não vamos comer. Eles ficaram tristes”.¹³⁴

Ao analisar a situação de vulnerabilidade social face à insegurança alimentar presente na obra, observa-se o cenário descrito por Carolina retratando o Brasil dos anos 50, onde pouco se debatia sobre esta problemática. Nessa época, as questões governamentais eram voltadas para o desenvolvimento tecnológico do país – visando prosperidade econômica – sendo assim, políticas públicas de assistência às classes sociais mais injustiçadas eram limitadas. Somente com o surgimento de estudos que debatiam a fome e a miséria, foram-se alcançando novas dimensões políticas. Através de estudos como o de Josué de Castro foi possível delimitar o mapa da fome no Brasil e se comprovou que a situação de má alimentação não era só um fenômeno natural, mas sim sócio-político.¹³⁵ E Carolina de alguma forma sabia disso.

Em vários trechos da obra, a autora não se cala perante os governantes do país, culpando-os pela fome que afeta o povo oprimido. Para ela “o Brasil

¹³² JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 10.

¹³³ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 9.

¹³⁴ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 163.

¹³⁵ Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional. **O que é segurança alimentar e nutricional sustentável**: história no Brasil e em Minas Gerais. Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <<http://www.pjf.mg.gov.br/sg/conselhos/comsea/doc/2011/segualimentar.pdf>> Acesso em: 05 Fev. de 2015.

precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome”¹³⁶, para que assim possa realizar ações efetivas em prol da diminuição ou até mesmo solução deste problema. A maioria das suas críticas eram direcionadas ao antigo governador de São Paulo, Adhemar de Barros, e aos ex-presidentes, Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros. O aumento do custo dos alimentos, a desigualdade social, o valor monetário e as injustiças sociais foram outros temas recorrentes na obra e, sempre se faziam presentes no interior das discussões sobre política e fome: “De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas e nas sucursaes nos lares dos operários.”¹³⁷

Tratando-se do Brasil da década de 90, encontra-se uma mobilização sócio-político que exige a asseguaração dos direitos humanos à alimentação, visto que ao propor uma política nacional voltada para a segurança alimentar e nutricional, o governo federal estabeleceu estratégias e ações para a garantia desse direito básico. Este conjunto de políticas e programas compõem a Estratégia Fome Zero, que tornou-se uma prioridade do Estado brasileiro.¹³⁸

Caso fosse possível retratar a vida de Carolina no cenário no Brasil atual, certamente as atuais medidas ligadas à SAN no Brasil de hoje concederiam uma melhoria na situação alimentar do seu domicílio. Programas como Bolsa Família, Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) entre outros, contemplam famílias que estão em situação de vulnerabilidade social, garantindo assim o DHAA. Caso se tome o Programa Bolsa Família como um exemplo prático para relacionar com a situação de vida de Carolina, pode-se contextualizar uma realidade totalmente distinta e com mais dignidade, uma vez que, os objetivos do programa são o de assegurar o DHAA, promover a SAN, contribuir para a

¹³⁶ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 26.

¹³⁷ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 36.

¹³⁸ KEPPLER, Anne Walleser; SEGALL-CORRÊA, Ana Maria. Conceituando e medindo segurança alimentar e nutricional, **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 1, p. 187-199, 2011.

erradicação da extrema pobreza e conquistar um espaço de cidadania pela parcela da população mais vulnerável à fome.¹³⁹

Em uma pesquisa realizada com mulheres pobres de uma comunidade chamada Morro da Vitória, localizado na periferia da cidade de Fortaleza (CE), objetivou-se compreender o significado que elas atribuíam à renda proveniente do Programa Bolsa Família em suas vidas. Ao falarem sobre o programa, deixam claro em seus relatos a melhoria na condição de vida, principalmente no tocante a satisfação das necessidades básicas: “Porque bem dizer quando chega (o dinheiro), eu vou fazer compra lá, quando o gás falta eu compro, aí às vezes, antecipa a energia, eu já pago, aí é no dia que eles comem melhor, é quando recebo, que eu compro um almocinho melhor, uma jantinha melhor”.¹⁴⁰

Portanto, a obra *Quarto de despejo* possibilita a reflexão sobre a evolução que o Brasil sofreu entre os anos de 1950 até os dias atuais, no tocante das políticas públicas voltadas para as causas sociais e, sobretudo, veiculadas à questão da alimentação como um direito básico e igual para todos. Carolina Maria de Jesus foi um exemplo prático daqueles que estão às margens de uma vida com dignidade, mostrando assim o reflexo de uma população brasileira que não tinha meios para sair da situação de extrema precariedade alimentar. Porém, o que se observa nos dias de hoje, é que diferentemente de Carolina, a maioria dos homens, mulheres e crianças possuem meios para terem acesso a um alimento de qualidade e em quantidade suficiente, sendo assegurados pelas políticas e ações governamentais da SAN. Com esta evolução, mudanças ocorreram no cenário brasileiro e, atualmente, por causa das decisões políticas, o Brasil está fora do mapa da fome no mundo, o que confirma assim a afirmação de Josué de Castro que: a fome é um fenômeno social de causas políticas.¹⁴¹

¹³⁹ PEIXOTO, Socorro Letícia Fernandes. **Os significados do Programa Bolsa Família na vida das mulheres: um estudo na comunidade morro da vitória**. 2010. 184f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

¹⁴⁰ PEIXOTO, Socorro Letícia Fernandes. **Os significados do Programa Bolsa Família na vida das mulheres: um estudo na comunidade morro da vitória**. 2010. 184f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010, p. 155.

¹⁴¹ FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations). **The FAO Hunger Map 2015**. Disponível em: <<http://www.fao.org/hunger/en/>>. Acesso em: 24 out 2015.

5.1.2. Sentenças de um regime de carência: depressão e a estética do corpo faminto

Para manter a homeostase do organismo é necessária uma média de consumo de duas mil calorias por dia – logicamente, essa quantidade é aumentada ou diminuída a partir das particularidades de cada indivíduo. Nos países do Ocidente, o consumo gira em torno de 2.900 calorias. Entretanto, 500 milhões de pessoas no mundo dispõem de menos de 1.500 calorias por dia, o que significa que passam fome e que seu corpo acabará numa autofagia.¹⁴² Como consequência dessa má alimentação, o indivíduo tem que enfrentar a magreza, barriga inchada, apatia, desidratação da pele, fraqueza muscular, depressão do sistema nervoso, falta de resistência a doenças, envelhecimento prematuro e, finalmente, a morte por inanição.¹⁴³

Na obra analisada, a fome tendenciou a decorrência de alguns desses enfrentamentos citados. Carolina traz na sua narrativa a descrição dos sintomas da fome:

Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago. Comecei sentir a boca amarga. [...] Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. Comecei a desmaiar.^{144,145}

Além das consequências imediatas da fome sobre o corpo, no diário de Carolina se revela um montante de situações que degradam o sujeito humano nos aspectos tanto corporais e socioeconomicos, como também emocionais e psicológicos. A luta incessante contra a fome acarreta determinados enfrentamentos como, por exemplo, possíveis crises de depressão. Salienta-se que a autora não fala sobre um diagnóstico próprio comprovado de depressão,

¹⁴² ROSSI, Paolo. **Comer**: necessidade, desejo, obsessão. 1. ed. Tradução: Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

¹⁴³ ROSSI, Paolo. **Comer**: necessidade, desejo, obsessão. 1. ed. Tradução: Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

¹⁴⁴ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 39.

¹⁴⁵ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 55.

porém em diversas passagens pode-se observar sinais que caracterizam este quadro. Tristeza prolongada, falta de perspectiva, estresse, revolta e o desejo de suicídio, são estados e sentimentos contínuos na vida da autora. Abaixo seguem trechos da obra sobre situações em que Carolina relata suas crises de ordem emocional:

Quadro 3. Citações de Carolina Maria de Jesus sobre suas crises emocionais e psicológicas.

Datas do diário	Citações da obra
17/05/1958	<i>“Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver?”</i>
31/05/1958	<i>“Sábado – o dia que quase fico louca porque preciso arranjar o que comer para sábado e domingo.”</i>
02/06/1958	<i>“De manhã eu estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer.”</i>
24/07/1958	<i>“Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago.”</i>
28/07/1958	<i>“Eu estava tão triste! Com vontade de suicidar. Hoje em dia quem nasce e suporta a vida até a morte deve ser considerado herói.”</i>
09/08/1958	<i>“Deixei o leito furiosa. Com vontade de quebrar e destruir tudo. Porque eu tinha só feijão e sal.”</i>
31/10/1958	<i>“Eu estou triste porque não tenho nada para comer. Não sei como havemos de fazer.”</i>

Fonte: JESUS (2005).¹⁴⁶

Ao analisar as passagens de Carolina, no que diz respeito à sua condição emocional e psicológica, pode-se observar que a situação de carência alimentar no seu domicílio é algo que lhe perturba.

De acordo com as datas das passagens no diário, as súplicas são registradas em curtos intervalos de tempo, marcando uma frequência regular. Suas palavras revelam o desespero e a loucura do favelado que não tem o que

¹⁴⁶ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 29; 42; 44; 89; 91; 96; 114.

comer, que se prosta lamentando pelo alto custo dos alimentos, que não possui trabalho fixo e que precisa lidar com as incertezas de uma vida miserável. Entretanto, antes da situação de ISAN se instalar no domicílio, o sujeito já pode vir a sofrer problemas de natureza psíquica decorrentes de fatores precursores como, por exemplo, a pobreza.

A pobreza, de fato, pode ser o maior determinante na explicação do aumento dos índices de depressão, pois associada às condições sociais como desemprego, baixo nível de escolaridade, baixa qualidade de moradia e alimentação inadequada, pode favorecer o desenvolvimento de um estado de desesperança, que tem como efeito imediato a redução da disposição para suportar acontecimentos adversos e frustrantes.¹⁴⁷

Em um estudo realizado em São Paulo, foi analisado o significado da depressão em mulheres da periferia do município de Embu. As características principais de Embu são: a situação de vulnerabilidade social, a pobreza, a falta de infra-estrutura nas áreas de saúde, educação, moradia, trabalho e lazer.¹⁴⁸ Na realização das entrevistas, quando questionado sobre as possíveis explicações para as causas da depressão nas mulheres, algumas responderam da seguinte maneira:

eu acho que é a preocupação, é a vida financeira, é, te abala muito entendeu? Porque, às vezes, você quer comprar as coisas você é acostumado a comprar as coisas e você sabe que não pode, você ter filho, ver o marido nervoso porque não tem o serviço você entendeu? Então isso que eu acho que causa muita a depressão (sujeito 1).¹⁴⁹

a falta de condução, falta de emprego e também as drogas, malandragem que é muita, é demais aqui [...] acho que é por isso que a gente fica com a cabeça ruim, quase todas as mães hoje em dia está com depressão, está com um problema, está com outro (sujeito 2).¹⁵⁰

¹⁴⁷ CUNHA, Ricardo Vivian da; BASTOS, Gisele Alsina Nader; DUCA, Giovâni Firpo Del. Prevalência de depressão e fatores associados em comunidade de baixa renda de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 346-54, 2012.

¹⁴⁸ MARTIN, Denise; QUIRINO, José; MARI, Jair. Depressão entre mulheres da periferia de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 591-7, 2007.

¹⁴⁹ MARTIN, Denise; QUIRINO, José; MARI, Jair. Depressão entre mulheres da periferia de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 4, 2007, p. 595.

¹⁵⁰ MARTIN, Denise; QUIRINO, José; MARI, Jair. Depressão entre mulheres da periferia de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 4, 2007, p. 595.

Assim sendo, a situação de pobreza quando afeta o eixo alimentação, a preocupação, o medo e a incerteza sobre ter ou não o alimento no próximo mês, semana ou até mesmo dia, são componentes psicológicos que afetam ainda mais a estabilidade emocional da família.¹⁵¹

As anormalidades psíquicas se afloram quando os indivíduos se encontram em situações de risco, neste caso de Carolina, quando não há a presença do alimento. Para Josué de Castro, a fome pode causar distúrbios mentais e, por isso, a loucura está muito próxima dela. Porém, a fome não é a causa direta das doenças da loucura, mas pode ser a gota d'água para que ela se manifeste.¹⁵²

Rebello (1998) realizou uma análise sobre a reportagem *Seca e fome acirram distúrbios mentais*, publicada na Folha de São Paulo em 31 de maio de 1998, e conseguiu constatar que os moradores da região do Crato (CE) estavam apresentando “surto de desequilíbrio”, com comportamentos agressivos e violentos.¹⁵³ O motivo para o aumento dessas ocorrências se deu mais aparente nos períodos de seca e estiagem na região, em que a fome, por sua vez, castigou os moradores transformando-os nos “loucos da seca”.¹⁵⁴

Dessa forma, o que há em comum entre uma dieta pobre e a loucura? Ambas produzem sofrimento.¹⁵⁵ Portanto, a fome pode ser responsável pela desconstrução da ética de cada indivíduo, bem como da referência do sujeito cidadão, onde o sofrimento da exclusão social, a opressão de quem nada possui (moradia, dignidade, alimentação, trabalho), faz com que o sujeito submetido a tais situações, se revolte e possa agir como uma pessoa sem escrúpulos, com o fim de saciar suas reivindicações.

¹⁵¹ CORRÊA, Ana Maria Segall. Insegurança alimentar medida a partir da percepção das pessoas. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 60, 2007.

¹⁵² NASCIMENTO, Renato Carvalheira do. **Josué de Castro: O Sociólogo da Fome**. 2003. 231f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

¹⁵³ GUIBU, F. Seca e fome acirram distúrbios mentais. **Folha de São Paulo**, 31/05/98. 1º caderno, p. 17-18, 1998.

¹⁵⁴ REBELLO, Lêda Maria de Vargas. Loucuras da fome. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 643-646, 1998.

¹⁵⁵ REBELLO, Lêda Maria de Vargas. Loucuras da fome. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 643-646, 1998.

Além deste tipo de enfretamento, Carolina precisou lidar com outro produto oriundo do seu sofrimento: a desfiguração do seu corpo castigado pela fome.

Ao pensar sobre a comida e o ato de comer a partir do ponto de vista sócio-antropológico, sabe-se que esta discussão tem profunda relação com a dimensão corporal do humano. Assim como a comida, o corpo propaga um conjunto de significados que fundamentam a existência individual e coletiva do sujeito, podendo ser moldado de acordo com o contexto social e cultural. Por ser um vetor semântico, o corpo pode ser compreendido como o eixo da relação com o mundo, na qual todos os significados tomam uma forma e são refletidos na fisionomia de cada pessoa.¹⁵⁶

Fischler afirma que “somos aquilo que nós comemos”, tanto por um plano real como imaginário. O alimento absorvido no corpo, além de proporcionar a energia vital necessária para a sua manutenção, ele uma vez absorvido, é incorporado modificando o sujeito desde o seu interior. Por isso, esta incorporação é válida também no plano imaginário, uma vez que permite cruzar a fronteira entre o eu e o mundo, concedendo que se construa sua natureza, sua identidade.¹⁵⁷ Nesse sentido, tanto o corpo como o ato de comer são fundadores de uma identidade individual ou coletiva.

Porém, em condições sociais de precariedade extrema, quais significados projetados em formas corporais podem moldar o corpo faminto? Em *Quarto de despejo*, Carolina também sofre com a estética do seu corpo esquelético, chegando ao ponto de não se reconhecer ao se olhar no espelho: “Já emagreci 8 quilos. Eu não tenho carne, e o pouco que tenho desaparece. [...] Quando passei diante de uma vitrine vi o meu reflexo: desviei o olhar, porque tinha a impressão de estar vendo um fantasma.”¹⁵⁸ Logo, em outro momento, a autora se sente horrorizada quando nota sua tamanha magreza, e de imediato considera que a fome lhe deixou assim: “Hoje eu fui me olhar no

¹⁵⁶ LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Tradução de Sônia Fuhrman. Petrópolis: Vozes, 2007.

¹⁵⁷ FISCHLER, Claude. **El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1995.

¹⁵⁸ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 160.

espelho. Fiquei horrorizada. O meu rosto quase é igual ao de minha saudosa mãe. E estou sem dente. Magra. Pudera! O medo de morrer de fome!¹⁵⁹

Em discussão, o corpo de Carolina foi moldado pelas violações e privações, onde sua imagem é o “espelho” das injustiças sociais. A fome além de definhar e corroer a sua carne, também produziu marcas de identidade no seu corpo, fazendo com que as pessoas, ao olhá-la, enxerguem a simples mulher negra, pobre e que passa fome, sendo quase impossível de imaginar que ela é uma escritora. Nesta situação, o corpo se revela como um marcador de classes sociais.

Nas sociedades heterogêneas, as diferentes classes e culturas orientam as signicações e valores que os indivíduos possuem com o seu corpo. Para Bourdieu "o corpo é a objetivação menos irrefutável, do gosto de classe"¹⁶⁰ e assim, a formação externa corporal pode representar um conjunto de condutas dadas por uma determinada classe social.¹⁶¹ À vista disso, tem se observado que em classes baixas há uma preferência pela estética do corpo gordo, isto pode ser explicado pelo fato de que o padrão de estética que valoriza o acúmulo de gordura, “a barriga cheia”, são formas de lutar contra a ameaça constante da fome.¹⁶²

Na França, foi observado, nas classes menos favorecidas, que a gordura remete-se a estética da boa nutrição, ao contrário da magreza que passou a significar estado de fome, doença e/ou pobreza.¹⁶³ Em casos de miséria e precariedade alimentar, como o de Carolina, a obesidade é dada como uma sublimação do corpo que está em abundância, diferentemente da classe média-alta que, mesmo com abundância de recursos financeiros e alimentos, buscam um corpo magro e esbelto.

¹⁵⁹ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 153.

¹⁶⁰ BOURDIEU, Pierre. **La distinction**: Critique sociaux du jugement. Paris: Minuit, 1979, p.210

¹⁶¹ LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Tradução de Sônia Fuhrman. Petrópolis: Vozes, 2007.

¹⁶² ZALUAR, Alba. As mulheres e a direção do consumo doméstico (estudo de papéis familiares nas classes populares urbanas) In: **Colcha de retalhos** – estudos sobre a família no Brasil. São Paulo: Brasiliense S.A. 1982.

¹⁶³ LE ROY LADURIE, E. L'allaitement mercenaire en France au XVIII. Siècle. In **communications**, n.31, ed. Seuil, Paris, 1979.

Assim, mesmo que o pobre esteja liberto de restrições de qualquer natureza, não consegue se libertar do medo visceral da falta que os séculos de fome introduziram na humanidade.¹⁶⁴

Além dos registros sobre corpos padecidos em obras literárias, outros artistas também propuseram reflexões neste âmbito, porém, em molduras de arte escultural.

Alberto Giacometti (1901-1966) nasceu em Borgonovo na Suíça, e ficou conhecido no mundo pelas suas obras de pinturas e esculturas. Uma delas, foi a obra de arte *L'Homme qui marche* ou o homem que marcha (Imagem 10), uma escultura de bronze criada em 1961. Nela, observa-se a figura do homem frágil caminhando, de uma forma assustadoramente magra, onde a pele fina cobre os ossos. Assegura-se que o caminhar seja em busca de um mundo melhor.¹⁶⁵ Já o brasileiro de Pernambuco, Aberlado da Hora (1924), cria esculturas, angulosas e ásperas, com temas como a miséria, a fome, os retirantes. Assim como Portinari, suas obras retratam cenas trágicas do cotidiano de um povo miserável.¹⁶⁶ Em sua obra escultural *menino de mocambo* (1969), feita de bronze, observa-se uma criança despida de corpo magro (costelas aparentes) e de barriga inchada – característica do *Kwashiorkor*. Este é o retrato de vida de diversas crianças que sofrem com os castigos da fome (Imagem 11).

¹⁶⁴ GARINE, Igor de. Culture et Nutrition. **In communication**, n. 31, ed. Seuil, Paris, 1979.

¹⁶⁵ FONDATION ALBERTO ET ANNETTE GIACOMETTI. Biography of an œuvre. Disponível em: <<http://www.fondation-giacometti.fr/en/art/16/discover-the-artwork/97/alberto-giacometti/>>. Acesso em: 19 de set. 2015.

¹⁶⁶ DIMITROV, Eduardo. Pintura e Identidade: formas de pintar Pernambuco por artistas locais e seus diálogos com o Sudeste. **34º Encontro Anual da ANPOCS - Seminário Temático 15: Imagem e suas leituras nas ciências sociais**, Caxambu (MG), 2010.



Imagem 10: Escultura *L'homme qui marche* (1961) de Alberto Giacometti. Fonte: Fondation Alberto et Annette Giacometti.

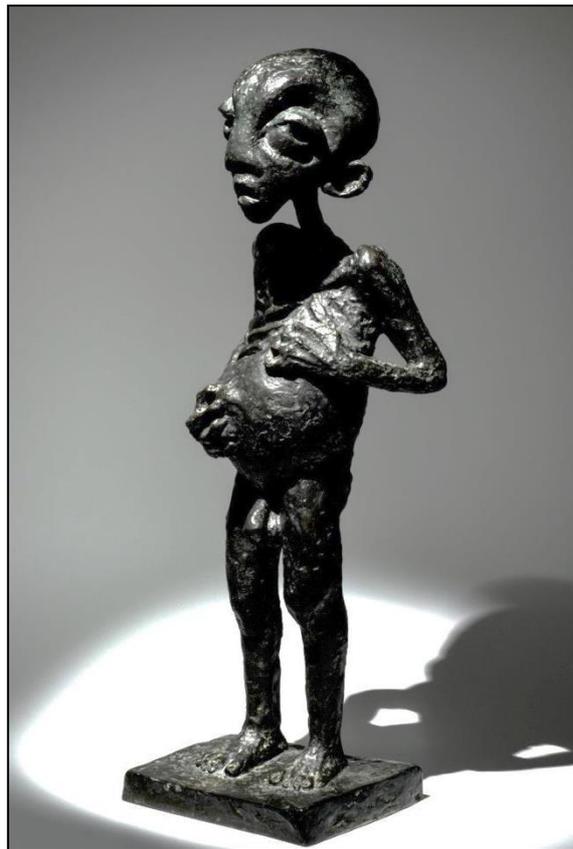


Imagem 11: Escultura Menino de Mocambo, 1969, de Abelardo da Hora. Fonte: Adelante comunicação Cultural.

5.2. A MESA DE CAROLINA: COMIDA DE FAVELADO

Entende-se que as regras são normas estabelecidas para impor uma ordem, criadas para ditar como as coisas devem ser feitas ou organizadas. Questões jurídicas, políticas, sociais são estabelecidas por regras. No tocante à alimentação isto não ocorre de maneira diferente. A espécie humana possui regras sobre o que comer e como comer.¹⁶⁷

Assim como a linguagem, de acordo com Lévi-Strauss, a cozinha é uma atividade universal, presente em qualquer sociedade humana, sendo constituída por cada cultura de modo inconsciente, criando assim sua própria

¹⁶⁷ CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2011.

estrutura.^{168,169} Nesse sentido, considera-se que cozinha possui um sentido muito mais amplo do que o mero espaço físico, ou os princípios de condimentação, procedimentos culinários, boas práticas de higiene, entre outros. A cozinha é um sistema de significados na qual é moldada pelas práticas alimentares e pelos elementos culturais e simbólicos de um determinado grupo social, e assim como a linguagem ela é regrada.

Partindo desse pressuposto, pensando no contexto da obra em questão, pode-se pensar sobre: (1) a caracterização da cozinha de Carolina, traçando o que se come no mundo do favelado; e (2) quais significações alimentares podem ser atribuídas no tempo de escassez.

5.2.1. Caracterização da cozinha em *Quarto de despejo*

Dada a situação de regime de alimentos e o temor vivenciado pela escritora, a alimentação do miserável, nutricionalmente, pode ser considerada monótona, além do provável baixo consumo energético, ausente de nutrientes como vitaminas e minerais. Em *Quarto de despejo*, a quantidade e a qualidade da alimentação de Carolina e seus filhos depende de vários fatores, dentre eles: recursos financeiros, estado de saúde, trabalho disponível, doações e até mesmo os fatores climáticos – pois, quando se chove a impossibilita de catar papel na rua para vender e, assim, comprar comida para casa. Além disso, na obra o alimento pode ser encontrado em dois momentos distintos: no tempo da abundância e no tempo da escassez. Conseqüentemente, esses momentos de discrepância determinam o que se come na mesa de Carolina.

Na abundância, a presença da carne e do feijão marcam períodos de “fartura”, pois são alimentos que categorizam valor social, tendo em vista o custo, a rápida sensação de saciedade e as representações simbólicas que tais alimentos trazem para a mesa do brasileiro. Na obra, a presença da carne merece destaque. Em algumas passagens a presença da carne torna-se um grande evento: “Hoje eu fiz almoço. Quando tem carne... eu fico mais

¹⁶⁸ LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

¹⁶⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude. **A origem dos modos à mesa** (Mitológicas, 3). São Paulo: Cosac Naify, 2006.

animada;”¹⁷⁰ “Fiquei contente. Eu ia comer carne, na realidade. Comecei cantar, cantei. [...] Fiquei pensando: quanto tempo que eu não como carne de porco. [...] Para o jantar fiz feijão, arroz e carne. A Vera está tão contente porque temos carne!”¹⁷¹ Isso pode ser explicado pelo fato de que comer carne todos os dias demarca uma valorização social, delimitando pobres e não pobres, na qual a carne representa, na sua falta, a carência instaurada no domicílio. Ela pode ser considerada um símbolo de prestígio social e de riqueza, além do que se apresenta como um alimento de boa qualidade nutricional, fonte proteica e rico em ferro como outros minerais e vitaminas.¹⁷²

No caso do feijão, sua valorização por parte de Carolina não é diferente: “Pus feijão no fogo. Quando eu lavava o feijão pensava: eu hoje estou parecendo gente bem – vou cozinhar feijão. Parece até um sonho!”¹⁷³ A presença do feijão na mesa do brasileiro é bastante frequente, pois é um alimento básico que apresenta um custo relativamente acessível, possui longo prazo de validade, é rico em propriedades nutricionais e, além disso, representa um alimento de subsistência, na qual casado com o arroz tornam-se aliados contra a fome.¹⁷⁴

Mesmo em tempos de abundância, com a presença de alimentos como carne e feijão, a dieta de Carolina ainda se mostra monótona. Para se garantir a SAN, exige-se que a população tenha acesso a uma alimentação saudável e adequada que forneça uma acessibilidade física e financeira, sabor, cor, harmonia, segurança sanitária, valorização da cultura alimentar e variedade

¹⁷⁰ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 49.

¹⁷¹ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 142,145.

¹⁷² ZALUAR, Alba. As mulheres e a direção do consumo doméstico (estudo de papéis familiares nas classes populares urbanas) In: **Colcha de retalhos** – estudos sobre a família no Brasil. São Paulo: Brasiliense S.A. 1982.

¹⁷³ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 42.

¹⁷⁴ ZALUAR, Alba. As mulheres e a direção do consumo doméstico (estudo de papéis familiares nas classes populares urbanas) In: **Colcha de retalhos** – estudos sobre a família no Brasil. São Paulo: Brasiliense S.A. 1982.

dos alimentos consumidos.¹⁷⁵ Bem, em casos de extrema pobreza, onde o alimento é aquilo que se encontra no lixo ou no chão da feira, esses atributos não são considerados, visto que a necessidade imediata é de calar a fome. Dessa forma, o consumo de vários tipos de alimentos não convém com a realidade dos favelados do Canindé.

Em um estudo realizado no município de Cuité-PB, foi analisada a qualidade do consumo de alimentos da população adulta, segundo a condição social e de acesso ao PBF. Nesta pesquisa, a amostra era composta por três grupos: (1) famílias acima da linha da pobreza; (2) famílias abaixo da linha da pobreza e titular do PBF; (3) famílias abaixo da linha da pobreza e não vinculadas ao PBF. Quando analisada a questão da variedade de alimentos no domicílio observou-se uma baixa variedade em todos os grupos estudados, acentuando ainda mais conforme a redução da renda ou o não recebimento do PBF. Também foi visto que as famílias titulares do PBF possuem uma melhor condição na variedade de alimentos em relação ao grupo 3.¹⁷⁶

Com isso, é possível reconhecer que estratégias de combate à fome e pobreza como o PBF, trouxeram contribuições válidas para as famílias em vulnerabilidade social, reconhecendo também o incremento da renda como uma condição favorável na melhoria da qualidade da alimentação. Assim, considera-se que a garantia da SAN não engloba apenas o acesso ao alimento, mas também alcança a qualidade e a diversidade alimentar.¹⁷⁷

No que se refere ao tempo da escassez, Carolina passa a consumir restos de alimentos catados no lixo, na feira e no frigorífico. Se a variedade de alimentos no tempo de abundância já não era favorável, no período de escassez a quantidade e qualidade eram precárias: “Havia jogado muitas linguças no lixo. Separei as que não estavam estragadas. Eu não quero

¹⁷⁵ BURITY, Valéria; FRANCESCHINI, Thaís; VALENTE, Flávio; RECINE, Elisabetta; LEÃO, Marília; CARVALHO, Maria de Fátima. **Direito humano à alimentação adequada no contexto da segurança alimentar e nutricional**. Brasília, DF: Ação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos (ABRANDH), 2010.

¹⁷⁶ SILVA, Laís Martins Barros. **Análise de consumo alimentar segundo cortes de renda e acesso ao Programa Bolsa Família**. 2014. 38f. Monografia (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2014.

¹⁷⁷ SILVA, Laís Martins Barros. **Análise de consumo alimentar segundo cortes de renda e acesso ao Programa Bolsa Família**. 2014. 38f. Monografia (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2014.

enfraquecer e não posso comprar. E tenho um apetite de Leão. Então recorro ao lixo.”¹⁷⁸ “Fui buscar água para por os ossos para ferver. Ainda tem um pouco de macarrão, eu faço uma sopa para os meninos.”¹⁷⁹ Nestas situações, o lixo torna-se a única alternativa para calar a fome do favelado. Quando a comida é pouca, o lixo é servido sobre a mesa: restos de macarrão com feijão adicionado de quilos de indignação, sendo uma amarga alternativa de sobrevivência. O caso de Carolina citado incorpora a violação de uns dos princípios básicos dos direitos humanos: a dignidade.

Para Valente (2002), um dos meios para se alcançar a dignidade é a garantia de uma alimentação adequada, ou seja, garantir um direito básico. Vale salientar que o direito à alimentação vai além do acesso aos recursos alimentícios, é necessário também se estabeleça uma alimentação de acordo com os hábitos e práticas alimentares de sua cultura, fortalecendo também sua dignidade humana.¹⁸⁰

Segundo a lei internacional de direitos humanos, o Estado é obrigado a assegurar que todas as pessoas possam exercer livremente os seus direitos, incluindo o DHAA.¹⁸¹ Em o *Romanceiro da Inconfidência* (1989), de Cecília Meireles, a autora descreve muito bem o conceito de liberdade, onde ela diz: “liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda”.¹⁸² Compreendendo que livre é o estado de liberdade, tomando como exemplo Carolina e os demais favelados, pode-se refletir sobre como essas pessoas podem ser consideradas “livres” se dependem totalmente da comida que é despejada no lixo, se dependem de um sistema capitalista onde “você é aquilo que você tem”. Nessa e em outras

¹⁷⁸ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 83.

¹⁷⁹ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 83.

¹⁸⁰ VALENTE, Flávio Luiz Schieck. **Direito humano à alimentação**: desafios e conquistas. São Paulo: Cortez, 2002.

¹⁸¹ BURITY, Valéria; RECINE, Elisabetta. **Peraí, é nosso direito!** Promovendo a realização do Direito Humano à Alimentação Adequada em comunidades urbanas vulnerabilizadas. ABRANDH – FAO, 2007.

¹⁸² MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 81.

situações, o Estado tem o dever de garantir a todos o acesso a uma alimentação de qualidade.

O documentário *Peraí é nosso direito*, retratou a realidade de duas comunidades urbanas: Vila Santo Afonso (PI) e Sururu de Capote (AL). Com o apoio financeiro da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), a Ação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos (ABRANDH) realizou um projeto entre 2004 e 2006 que objetivou contribuir com o apoderamento das comunidades e apoiar as ações para exigir e monitorar a realização do DHAA. Foi observado que no momento em que os moradores das comunidades conheceram os seus direitos e passaram a compreender que aquilo era algo que lhes pertenciam, eles começaram a exigir e cobrar do Estado um conjunto de elementos (saúde, educação, moradia, segurança etc.) que compõe o universo complexo do DHAA.¹⁸³

Portanto, a luta pelo DHAA é conseqüentemente uma forma de lutar pela dignidade e pela moral do cidadão.

5.2.2. Alimentar-se em tempo de escassez: o significado da comida para o favelado

O ato de se alimentar é algo complexo. O papel da alimentação vai muito além da ordem da satisfação das necessidades fisiológicas do corpo humano e alcança múltiplos significados e representações para os indivíduos. Por isto, pode ser compreendida como um fenômeno biocultural.¹⁸⁴ Diante das diversidades vivenciadas pelos sujeitos, a alimentação pode atribuir diferentes valores perante aqueles que têm comida e aqueles que não têm.

Em *Quarto de despejo* é possível perceber que a comida é dada principalmente como um papel estratégico de sobrevivência. Carolina durante toda a obra atribui a comida como algo prioritário na sua trajetória, persistindo numa busca incessante para combater o seu pior inimigo: a fome. Ainda assim,

¹⁸³ BURITY, Valéria; RECINE, Elisabetta. **Peraí, é nosso direito!** Promovendo a realização do Direito Humano à Alimentação Adequada em comunidades urbanas vulnerabilizadas. ABRANDH – FAO, 2007.

¹⁸⁴ POULAIN, Jean-Pierre; PROENÇA, Rossana Pacheco da Costa. O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 245-256, 2003.

revestida de um fim objetivo (matar a fome), a alimentação é apresentada por Carolina em seus múltiplos significados.

Na obra, a comida é referenciada como um “espetáculo deslumbrante” que ao tocar o estômago induz um efeito surpreendente no organismo, onde tudo se normaliza (os sentidos, os tremores), enfim, como ela cita, a “comida no estômago é como o combustível nas máquinas”. Em outros trechos é bastante notável o sentimento de satisfação que a autora sente quando se estar na presença de uma comida digna e agradável: “Na casa de dona Nenê o cheiro de comida era tão agradável que as lágrimas emanava-se dos meus olhos”.¹⁸⁵

Em um estudo com mulheres em situação de extrema pobreza em Porto Alegre (RS), avaliou-se as representações que a comida julgava em suas vidas. Constatou-se que o alimento tem papel “de conforto para a superação dos dilemas diários, das tensões ocasionadas pela falta de recursos, pela violência, pela responsabilidade com a casa e com os filhos”.¹⁸⁶ Sendo assim, o comer neste sentindo é visto como uma rota de fuga da realidade precária, envolvendo fortes questões emocionais.¹⁸⁷ Zaluar (1983) ainda reforça que a comida no contexto de vulnerabilidade social possui um papel estratégico na vida social da família: a de sobrevivência.¹⁸⁸ A comida, nestes casos, como afirma Pierre Bourdieu (2007), tem um gosto de necessidade (sem liberdade de escolha) onde é sustentado pela falta e privação, sem as devidas garantias de um capital, ajustando-se assim à condição do paladar do proletariado,

¹⁸⁵ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 94.

¹⁸⁶ CASTRO, Helisa Canfield de. Prazer e sobrevivência: representações sociais da comida e do comer para mulheres em situação de extrema pobreza. **IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste**, Fortaleza, 2013.

¹⁸⁷ CASTRO, Helisa Canfield de. Prazer e sobrevivência: representações sociais da comida e do comer para mulheres em situação de extrema pobreza. **IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste**, Fortaleza, 2013.

¹⁸⁸ ZALUAR, Alba. As mulheres e a direção do consumo doméstico (estudo de papéis familiares nas classes populares urbanas) In: **Colcha de retalhos** – estudos sobre a família no Brasil. São Paulo: Brasiliense S.A. 1982.

contrapondo-se ao gosto de luxo, permeado pelo desejo, onde os indivíduos não são apenas produtos diretos de sua necessidade econômica.¹⁸⁹

Do mesmo modo, Barthes citando Brillat Savarin descreve que no plano alimentar, existe distinção entre a necessidade e o desejo: de um lado, o apetite natural, que é da ordem da necessidade, e de outro, o apetite de luxo, sendo este da ordem do desejo. É verdade que a espécie tem *necessidade* de sobrevivência, ou seja, o sujeito tem a necessidade de comer para subsistir.¹⁹⁰

Assim sendo, diante dos dois pontos contemplados para descrever e analisar tanto o que se come quanto os significados que este ato atribui para Carolina, podemos perceber que em *Quarto de despejo* alimentos como carne e feijão possuem não apenas uma valorização do ponto de vista nutricional, mas principalmente agregam um valor de distinção social, visto que possuí-los na mesa é estar bem servido, é ter mais dignidade perante o ambiente hostil da favela. A comida traz consigo significações e para Carolina o valor do alimento é: meio de sobrevivência, possui gosto de necessidade perante a situação de pobreza.

5.3. A POETISA DO LIXO: A ESCRITA COMO ARMA CONTRA A FOME

5.3.1. A poética dos resíduos da Cinderela do Lixo

A escrita na obra e vida de Carolina foi uma peça fundamental para enfrentar os desafios do seu cotidiano. Negra, pobre, catadora de lixo e semi-analfabeta, são algumas características da escritora, que com a publicação de sua obra, pôde revelar ao mundo o verdadeiro cenário de seu mundo.

A escritora do lixo encontrou na escrita meios para subjetivar-se e para trazer à tona sua condição de vida, visto que seus registros expõem as denúncias que ela mesma concebe sobre a miséria no Canindé. Sendo assim, Carolina sabe que tem em suas mãos uma arma valiosa: a escrita, por não se conformar com suas condições precárias, utiliza a escrita como uma arma, na

¹⁸⁹ BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

¹⁹⁰ BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

qual a possibilita lutar, através do uso da palavra, contra a realidade dura e amarga da favela.¹⁹¹ Como a própria autora expressa: as “palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatrizáveis”.¹⁹² Suas palavras são como armas, ferem, mas também trazem conforto sobre a fome que a assola.¹⁹³

A obra de Carolina nos mostra o que significa para ela registrar o que vivencia. [...] A escrita é usada como arma, [...] serve de conforto à fome, de alimento que lhe preenche a alma. Sua alma é de poeta e, como ela própria nos diz, “o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido”.¹⁹⁴

Carolina torna-se diferente dos outros favelados à medida que escreve. A escrita a faz se sentir mais digna perante os demais moradores. Segundo Benevenuto (2006), Carolina revela em sua poesia a experiência trapeira de sua vida, que se distânciava do prosaico que se encontra e tenta elevar-se ao sublime. Assim como cita Benjamin (1994) todo artista tem um pouco de trapeiro, de mendigo, catador de lixo. Para ele, o artista lida com o prosaico, na qual desce “das alturas” e precisa vestir-se do trapeiro, porém no caso de Carolina, ela é a própria trapeira e a escrita parece ser o veículo que encontra para chegar ao sublime.^{195,196}

Outros artistas que utilizaram a escrita, a partir de fragmentos de vida, resíduos, por assim dizer, para produzir obra de arte. Por exemplo, Artaud. Depois de diagnosticado por Lacan, de que não escreveria mais uma linha, deixa uma obra imensa como forma de se reposicionar no mundo. Inventou vida pela escrita. As previsões de Lacan foram completamente desmentidas: dos 26 volumes que compõem as obras completas de Artaud, somente oito

¹⁹¹ SANTOS, Maricélia Nunes dos; SOUZA, Wagner de. Quarto de despejo – Manifestação do discurso feminino na literatura brasileira. **Revista Travessias**, Paraná, v. 5, n. 2, 2011, p. 314.

¹⁹² JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 43.

¹⁹³ BENEVENUTO, Silvana José. Quarto de despejo: A escrita como arma e conforto à fome. **Revista eletrônica Baleia na rede**, [S.l.], v. 1, n. 3, 2006.

¹⁹⁴ BENEVENUTO, Silvana José. Quarto de despejo: A escrita como arma e conforto à fome. **Revista eletrônica Baleia na rede**, [S.l.], v. 1, n. 3, 2006, p. 25.

¹⁹⁵ BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III – Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

¹⁹⁶ BENEVENUTO, Silvana José. Quarto de despejo: A escrita como arma e conforto à fome. **Revista eletrônica Baleia na rede**, [S.l.], v. 1, n. 3, 2006.

foram escritos antes de 1937, isto é, antes que iniciasse o calvário das internações. Artaud morreu em 1948, aos 52 anos.¹⁹⁷

5.3.2. Dieta da precariedade: a fome em sua personificação

A presença da fome na obra, sem dúvidas, é um dos maiores entraves que Carolina enfrentou para garantir a sua sobrevivência e a dos seus filhos. Os registros do seu diário mostram a luta cotidiana da favelada contra seu maior vilão: a fome. A fome aparece nos seus escritos com uma presença marcante e frequente, despertando involuntariamente a tristeza, o sofrimento, o medo e até mesmo o desejo de suicídio, como foi discutido anteriormente.

Durante as passagens no diário a fome toma corpo, podendo ser considerada como uma personagem trágica e inarredável. Segundo Audálio Dantas, a fome é tão grande e marcante que adquire cor na narrativa tragicamente poética de Carolina. Para ela, a cor da fome era “Amarela”, uma vez que, na sua busca diária pela sobrevivência, em meio ao lixo, ela percebeu que quando a fome atingia seu limite suportável, todas as coisas que estavam perante seus olhos ficavam amarelas. Carolina também relaciona a fome como uma “professora”, uma “juíza”, assim enfatizando que só aqueles que passam fome sabem valorizar a vida, devido às dificuldades que foram aprendidas na sua presença.¹⁹⁸

De forma semelhante, na obra *Agonia da fome*, de Maria do Carmo Freitas, a fome também é tratada como uma personagem em várias passagens. Os moradores do bairro de Péla, localizado em Salvador – Bahia, experimentam em seu dia-a-dia conviver com a mazela da fome. Para eles “a fome é um beco escuro, uma criatura horrível, um espírito, um demônio, um vento, uma fera, uma coisa que nem droga nesse inferno que é o bairro”.¹⁹⁹ Em outra passagem, a fome é conhecida como a coisa que “produz sensações de

¹⁹⁷ TEIXEIRA, Ana. O teatro da cura cruel. **Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, 1999.

¹⁹⁸ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005. Prefácio.

¹⁹⁹ FREITAS, Maria do Carmo. **Agonia da fome** [e-book]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ: salvador: EDUFBA, 2003, p. 54.

„arrepiar quando a gente sente que ela (a fome) vai chegar [...], vai arrancar as carnes do corpo”²⁰⁰.

O fenômeno da fome produz diversos sentidos e efeitos, na forma de metáforas, que trazem uma dimensão simbólica desse fenômeno, assim, as metáforas relacionadas à mazela possuem muitas moradas no corpo: o peito que dói, a cabeça que endoidece, as pernas que não querem mais andar.²⁰¹

Ao mesmo tempo, pode ser observado que o homem faminto, miserável e mundano tenta compreender a sua fome, a revelando como uma *figuração*, não se reduzindo apenas ao acúmulo de sensações físicas, mas, antes, as sensações vividas pelos indivíduos, causando signos profundos no eu dos sujeitos.²⁰² O sentido das figurações dadas pelos famintos, na forma de imagem, diz respeito ao esforço de dar corpo à fome como uma forma de decifração do fenômeno para enfrentá-lo. Nesse sentido, as imagens são as mediações entre o homem e o mundo e emitem a representação de algo. Por exemplo, são as imagens que tem a finalidade de representar o mundo para o homem, pois este mundo não lhe é acessível de imediato.²⁰³ O mundo, neste caso, pode ser comparado com a fome vivenciada em *Quarto de despejo*, um imaginário que mediante a um conjunto de cenas, se torna possível estruturá-la, incorporá-la, dar-lhe um corpo para fazê-la próxima à realidade, e assim, enfrentando-a.

O fenômeno interpretativo da fome não pode ser compreendido sob uma linguagem expressa do ponto de vista das necessidades nutricionais do organismo, esta interpretação só pode ser decifrada através do idioma dos sentidos, na qual os sentidos da fome produzem signos por parte dos atores

²⁰⁰ FREITAS, Maria do Carmo. **Agonia da fome** [e-book]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ: Salvador: EDUFBA, 2003, p. 46.

²⁰¹ FREITAS, Maria do Carmo. Uma abordagem fenomenológica da fome. **Revista de Nutrição**, v. 15, n. 1, p. 53-69, 2002.

²⁰² FREITAS, Maria do Carmo. Uma abordagem fenomenológica da fome. **Revista de Nutrição**, v. 15, n. 1, p. 53-69, 2002.

²⁰³ FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1985.

sociais. Estes significados da fome dão lugar à compreensão de uma identidade faminta.²⁰⁴

Portanto, percebe-se a importância dos sujeitos atribuírem um corpo, uma forma ou até mesmo um nome a fenômenos que são intocáveis, neste caso, o fenômeno da fome. Isto acontece pelo fato de que, ao nomear algo que se mostra desfigurado é um modo de fazer ver uma verdade que existe, mas que não possui um corpo próprio para ser confrontado diretamente. Por isso, observa-se que tanto em estudos como na obra, os sujeitos tendem a trazer suas interpretações e compreensões sobre a fome em figurações, para que se crie uma aproximação a partir da sua observação e interpretação sobre este fenômeno.

5.3.3. Animalização em *Quarto do despejo*

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.

O bicho, Manuel Bandeira.²⁰⁵

A abordagem do tema da fome na literatura, por vezes, é tratada de forma dura. Na poesia, acima citada, de Manuel Bandeira, mostra a incoerência percebida por ele, ao igualar o homem com um animal. Isto porque ambos se alimentam de resíduos e despejos. Desse modo, em situações de extrema precariedade alimentar, o que diferencia o homem dos animais?

Em *Quarto de despejo*, Carolina traz relatos dessa natureza, no qual mostra a condição animalizada e bestializada dos favelados: “Os favelados aos

²⁰⁴ FREITAS, Maria do Carmo. Uma abordagem fenomenológica da fome. **Revista de Nutrição**, v. 15, n. 1, p. 53-69, 2002.

²⁰⁵ BANDEIRA, Manuel. **O bicho**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos.”²⁰⁶ “Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos.”²⁰⁷ “O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É linguiça enlatada. [...] E quando apodrecem jogam para os corvos e os infelizes favelados.”²⁰⁸ “Os animais quem lhes alimenta é a natureza. [...] Eu penso isto, porque quando eu não tenho nada para comer, invejo os animais.”²⁰⁹

As analogias realizadas por Carolina mostram a posição em que ela se enxergava enquanto pessoa, alguém que era inferior, menosprezada dentro do contexto da sociedade em que vivia. O lugar dos animais eram às margens do rio Tietê, espaço este que deveria ser dividido também com os humanos. Assim, esta associação remetia ao sistema econômico capitalista que, desempenhando um papel de organização, coloca os homens na condição de animais. O uso da animalização do homem na obra, tanto anuncia a capacidade de um discurso capaz de ativar uma linha de fuga em relação às literaturas canonizadas, como também denuncia o desencadeamento da animalização do ser humano, assumindo assim, de um lado um pretense progresso social a partir destes novos elementos de linguagem, e de outro uma regressão civilizacional.²¹⁰

Deleuze e Guattari (1995) aplicaram o *devenir* nas obras literárias nos seus estudos. Para ambos, a escrita poderia expressar um *devenir* na medida em que venha a ser “uma revelação de algo que atravessa o homem, os afetos marcam as passagens dos devires”.^{211,212} Nesse sentido, Fernandez (2006)

²⁰⁶ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 37.

²⁰⁷ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 48.

²⁰⁸ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 29.

²⁰⁹ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 55.

²¹⁰ FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Cartografando uma Literatura Menor: a Poética dos Resíduos de Carolina Maria De Jesus. **Revista Patrimônio e Memória**, São Paulo: UNESP, v.2, n.1, p. 201, 2006.

²¹¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia (vol 1). Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

utiliza a expressão devir-fome – como também devir animal – dentro do contexto da obra de Carolina, e explica que o devir animal é próprio da linguagem de resíduos *desterritorializados*²¹³, que neste caso, emite a percepção de um corvo, desvelando que o homem vive sob as mesmas condições dos corvos, sendo esta condição existencial um produto do capitalismo que gera fome e, conseqüentemente, desumanidade. Por isso, justamente nos registros das misérias humanas uma nova linguagem pode ser processada.²¹⁴

²¹² FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Cartografando uma Literatura Menor: a Poética dos Resíduos de Carolina Maria De Jesus. **Revista Patrimônio e Memória**, São Paulo: UNESP, v.2, n.1, p. 201, 2006.

²¹³ **Nota:** “Desterritorializar” é desconstruir o “território”. É um movimento oferecido por Deleuze e Guattari para fissurar, perfurar o “arquivar” e está associado a uma idéia de devir, de linhas de fuga, de uma mobilidade inserida em espacialidades abertas, lisas (SILVA, 2010).

²¹⁴ FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Cartografando uma Literatura Menor: a Poética dos Resíduos de Carolina Maria De Jesus. **Revista Patrimônio e Memória**, São Paulo: UNESP, v.2, n.1, p. 201, 2006.

5.4. A FAVELA COMO ESPAÇO INSALUBRE: O QUARTO DE DESPEJO DA HUMANIDADE

A injustiça vem do asfalto pra favela
 Há discriminação à vera
 Chegam em cartão postal
 Em outdoor a burguesia nos revela
 Que o pobre da favela tem instinto marginal
 E o meu povo quando desce pro trabalho
 Pede a Deus que o proteja
 Dessa gente ilegal, doutor
 Que nos maltrata e que finge não saber
 Que a guerra na favela é um problema social.

Rap da Igualdade, MC Júnior e MC Leonardo.²¹⁵

Nunca vi cartão postal que se destaque uma favela
 Só vejo paisagem muito linda e muito bela
 Quem vai pro exterior da favela sente saudade
 O gringo vem aqui e não conhece a realidade
 Vai pra zona sul pra conhecer água de cocô
 E o pobre na favela vive passando sufoco [...]
 Eu só quero é ser feliz
 Andar tranqüilamente
 Na favela onde eu nasci
 E poder me orgulhar
 E ter a consciência
 Que o pobre tem seu lugar.

Rap da Felicidade, Julinho Rasta e Katia.²¹⁶

Em *Quarto de despejo*, “favela” e “favelados” são as palavras mais encontradas na obra. Sob um eixo paradigmático a favela pode ser representada pela ausência, pelo o que não *seria* ou o que não *teria*. De modo geral, constitui-se em um espaço de infra-estrutura desorganizada, desordenada e homogeneizada (Imagem 12), onde a criminalidade e a violência tem forte expressão. Entretanto, ao longo dos anos, têm-se tentado romper com este esteriótipo, uma vez que esta ideia é um pouco distorcida. A favela é considerada um espaço social que deve ser reconhecida em sua especificidade sócio-territorial, sendo tratada como um fenômeno complexo.²¹⁷

²¹⁵ MC JUNIOR & MC LEONARDO. “Endereço dos Bailes, Rap da igualdade, Rap das armas, Rap da felicidade”. Em: **Monobloco**, faixa 11, Som livre, 2006.

²¹⁶ RASTA, Julinho; KÁTIA. Rap da Felicidade. Em: **Clássicos do Funk**, volume 1, faixa 01, Som Livre, 2008.

²¹⁷ SILVA, Jailson de Souza. **O que é favela, afinal?** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009.

Historicamente, o que se observou foi uma omissão do poder público perante esses espaços e com isso o processo de reconhecimento das favelas foi dificultado, até mesmo por parte dos moradores. Carolina é o exemplo disto, que reconhece sua moradia como o quarto de despejo da humanidade.

Fome, pobreza, péssimas condições de moradia em cortiços e barracos, violência entre outros elementos, caracterizam o cenário cruel do cotidiano da autora. A favela descrita por Carolina é a expressão do caos, o avesso da cidade, onde não há lei, nem regras, nem moral, tendo o Diabo como o próprio prefeito: “a favela é uma cidade esquisita e o prefeito daqui é o Diabo”.²¹⁸

Carolina não se conformava com sua vida na favela. No imaginário da autora, ela considerava que não morava na cidade, como se a favela fosse um lugar a parte da cidade grande. Para ela as duas realidades eram tão distintas que era quase impossível de acreditar que ambas se complementavam enquanto território físico. Estes mundos diferentes e dicotômicos são apresentados em uma série de oposições: luz e sombra, brancos e negros, riqueza e pobreza, céu e inferno, integrados e marginais, casa de alvenaria e barraco, luxo e lixo.²¹⁹

Em várias passagens, Carolina faz um comparativo do espaço da favela com o da cidade, na qual ela relata:

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.²²⁰

Durante toda a obra, a autora deposita nas suas palavras o sentimento de rejeição que sente em relação à favela, ao ponto que define o lugar onde vive como um quarto de despejo, sendo este o mesmo nome

²¹⁸ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 80.

²¹⁹ VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual: o Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus. In: SCHWARZ, Roberto. **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

²²⁰ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 33.

dado ao título do seu livro. Ela considera a favela como as “úlceras de São Paulo”, “o pior cortiço que existe”, “o quintal onde todos jogam os lixos”.²²¹

Para Bauman (2001) a modernidade é responsável pela desmitificação dos ritos, perda de valores e, principalmente, pela liquefação das certezas. No que se refere aos espaços, o autor fala sobre vazios urbanos, que são aqueles que não possuem significados, são vividos, mas não percebidos, e assim rejeitados. Por exemplo, um terreno baldio pode ter o mesmo valor que um bairro inteiro, depende apenas de quem o vê.²²² Assim, ao analisar a favela do Canindé aos olhos de Carolina, sua visibilidade para este espaço envolve somente aspectos negativos, tais como pobreza, fome, doenças, violências, prostituição etc. Porém, para muitos moradores de favelas, este espaço pode servir como uma válvula de escape, uma estratégia de sobrevivência.

A rejeição dada por Carolina é o resultado das transformações de seu cotidiano, que está sempre se materializando em “algo novo”, adquirindo novos sentidos.²²³ Isto pode ser explicado por Haesbaert (2007), que utiliza o termo “desterritorialização” – destruição ou transformação do território – para denominar esta experiência do novo em seu cotidiano.²²⁴

No exemplo de Carolina, o fenômeno de desterritorialização supera o sentido de destruição, atingindo outras referências da condição humana. Nesse sentido, Carolina foi resignificada a medida em que rompia com estereótipos (de favelada padrão) e se impunha por seu mérito pessoal (ato de escrever), se tornando distinta dos demais favelados.²²⁵ Desse modo,

²²¹ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 76; 23; 28.

²²² BAUMAN, Zygmunt. Tempo/Espaço. In: **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 115-122.

²²³ GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues; NASCIMENTO, Denise Aparecida do. Favela, espaço e sujeito: uma relação conflituosa. **Revista IPOTESI**, juiz de fora, v.15, n.2, p. 51-62, 2011.

²²⁴ HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

²²⁵ GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues; NASCIMENTO, Denise Aparecida do. Favela, espaço e sujeito: uma relação conflituosa. **Revista IPOTESI**, juiz de fora, v.15, n.2, p. 51-62, 2011.

observa-se que o território já não possuía completo domínio sobre a sua identidade.

Em outras passagens, nota-se que o espaço é considerado como um espaço de desestruturação social, onde transformações negativas ocorrem no seio do caráter humano:

[...] As vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início são iducadas, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbo. Transformaram-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo. Para mim o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade.²²⁶

De fato as favelas contribuem para a degradação do sujeito em diversos aspectos. No tocante alimentação, um conjunto de fatores devem ser considerados e implementados para garantir a SAN e, isto inclui o direito à moradia de qualidade. Afinal, do que adianta ter um alimento de qualidade se o sujeito não possui uma moradia digna?

Assim sendo, as políticas públicas articuladas que envolvem o tema da SAN discorrem que só há garantia do DHAA se os demais direitos estiverem assegurados, uma vez que estes direitos são indivisíveis e interdependentes.

Portanto, *Quarto de despejo* é mais do que o retrato de uma favela. É a soma dos mais diversos sentidos que a fome e a miséria refletem na condição do humano. É a denúncia de uma comunidade marginalizada que foi esquecida pelo poder público, onde foi preciso que uma voz feminina e de pele negra, declarasse sua revolta e sua indignação perante as condições de vida que estes moradores estavam submetidos. As condições imundas e subumanas do cenário da favela violam os direitos humanos, tornando mais crítico e obscuro o enfrentamento contra a fome.

Dessa maneira, a miséria relatada por Carolina pode ser visível, e ao mesmo tempo, pôde torná-la visível aos olhos dos outros. E assim, dentro

²²⁶ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005, p. 33.

do seu barraco fétido, Carolina conseguiu buscar, na escrita, a reterritorialização no seu espaço íntimo.^{227,228}

²²⁷ SANTOS, Lara Gabriella Alves dos; BORGES, Valdeci Rezende. Quarto de despejo: considerações sobre o espaço na obra de Carolina Maria de Jesus. **Caderno de resumos da JOPELIT**, v. 1, n. 1, p. 40-45, 2013.

²²⁸ GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues; NASCIMENTO, Denise Aparecida do. Favela, espaço e sujeito: uma relação conflituosa. **Revista IPOTESI**, juiz de fora, v.15, n.2, p. 51-62, 2011.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de Quarto de despejo, Carolina mostra de fato, a concreta violação do DHAA, visto que foram quebradas as duas dimensões indivisíveis desse direito, que são: o direito de estar livre da fome e da má nutrição e o direito à alimentação adequada. A fome é um fenômeno ligado à questões históricas e políticas, isso ser pode revelado na trajetória de Carolina que sofreu situações de violação do DHAA.

A mesa do favelado é caracterizada pela dificuldade do acesso aos alimentos, bem como é marcada por uma variação cíclica da presença e da falta deles: (1) tempo de abundância, marcada pelo consumo de produtos de alto valor energético e, principalmente, de baixo custo, a carne e o feijão ganham uma distinção dos demais alimentos, pelo fato de serem não apenas alimentos de subsistência, mas também por agregarem valor social em meio a pobreza; (2) tempo de escassez, quando recorrer aos restos de alimentos no lixo para sobreviver. E, sobretudo, para Carolina a comida significa *vida*, um caminho de sobrevivência em meio às condições precárias.

A escrita funcionou para a autora como um mecanismo para produção de uma *poética* da dignidade, no contexto da fome como uma iniquidade social. Carolina deixa claro na sua escrita que tem a necessidade de expressar suas interpretações e significados que atribuem à fome, considerando-a como uma manifestação de personalidade que possui um corpo real. Animaliza-se o homem – comparando-o com animais –, demonstrando que não existe diferença entre ambos, afinal os restos de comidas servem tanto para homens como para urubus.

Carolina utiliza a escrita como uma arma de potência, encontrando nela algumas possibilidades de vida: (1) um meio para se libertar do ambiente sujo em que vivia; (2) o caminho para se inserir em um mundo que à rejeitava como lixo; (3) uma arma de denúncia social

Bebe-se, come-se, vive-se em um espaço insalubre, a favela é considerada como o quarto de despejo da humanidade. Assim, a favela do Canindé condicionou a violação dos direitos humanos, na qual não apresentou condições de moradia adequada e digna para os sujeitos

pertencentes a este local. Além disso, o espaço da favela para Carolina serviu para ressignificá-la, no sentido de que quebra o estereótipo de pobre favelada através da escrita, pois o ato de escrever a torna distinta dos demais moradores e, assim, ela toma uma nova identidade em meio à lama e aos barracos.

Portanto, este estudo possibilita uma maneira adicional de discutir o fenômeno da fome e outras questões inerentes à condição humana, somando uma perspectiva implicada aos elementos subjetivos do humano. Por fim, traz uma reflexão sobre a ideia de estudar uma alimentação voltada para as relações humanas mediadas pela comida, neste caso, pela falta dela, tornando-se possível apostar na formação de nutricionistas com um olhar ampliado sobre o ato alimentar, principalmente dentro de contextos de injustiças sociais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria de Fátima Machado de. A segurança alimentar e nutricional e o uso da abordagem de direitos humanos no desenho das políticas públicas para combater a fome e a pobreza. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 22, n.6, p. 895-903, 2009.

ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia**: Inferno, Purgatório e Paraíso. São Paulo: Editora 34, 1999.

ARAÚJO, Kárita de Fátima; Anselmo, Rita de Cássia Martins de Souza. **1915**: a seca e o sertão sob o olhar de Raquel de Queiroz. **Estudios Historicos – CDHRP**, n. 3, 2009.

BANDEIRA, Manuel. **O bicho**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona; 1977.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

_____. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. Tempo/Espaço. In: **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 115-122.

BENEVENUTO, Silvana José. Quarto de despejo: A escrita como arma e conforto à fome. **Revista eletrônica Baleia na rede**, [S.l.], v. 1, n. 3, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III – Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **La distinction**: Critique sociaux du jugement. Paris: Minuit, 1979.

BRASIL. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **Construção do Sistema e da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**: a experiência brasileira. Brasília: CONSEA, 2009.

_____. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Princípios e diretrizes de uma Política de Segurança Alimentar e Nutricional. **II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**. Brasília: CONSEA, 2004.

_____. Conselho Nacional de Segurança Alimentar. **II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**: a construção da política

nacional de segurança alimentar e nutricional: relatório final. Olinda, PE, 2004.

_____. **Lei de Segurança Alimentar e Nutricional**: conceitos, lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006. Brasília, DF: [s.n.]; 2006.

BRICEÑO-LEÓN, Roberto. Quatro modelos de integração de técnicas qualitativas e quantitativas de investigação nas ciências sociais, In: **O clássico e o novo**: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde, p. 157-83, 2003.

BURITY, Valéria. et al. Segurança Alimentar e Nutricional e o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA). In: BURITY, Valéria. et al. **O Direito Humano à Alimentação Adequada e o Sistema Nacional de Segurança Alimentar**. Brasília, DF: Ação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos (ABRANDH), Módulo 1, 2010.

BURITY, Valéria; FRANCESCHINI, Thaís; VALENTE, Flávio; RECINE, Elisabetta; LEÃO, Marília; CARVALHO, Maria de Fátima. **Direito humano à alimentação adequada no contexto da segurança alimentar e nutricional**. Brasília, DF: Ação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos (ABRANDH), 2010.

BURITY, Valéria; RECINE, Elisabetta. **Peraí, é nosso direito!** Promovendo a realização do Direito Humano à Alimentação Adequada em comunidades urbanas vulnerabilizadas. ABRANDH – FAO, 2007.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos, **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998.

CANESQUI, Ana Maria. Pesquisas qualitativas em nutrição e alimentação, **Revista de Nutrição**, v. 22, n. 1, p. 125-139, 2009.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e sociedade**: uma história da alimentação. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CASTRO, Helisa Canfield de. Prazer e sobrevivência: representações sociais da comida e do comer para mulheres em situação de extrema pobreza. **IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste**, Fortaleza, 2013.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. O dilema brasileiro: pão ou aço. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

_____. **Homens e caranguejos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COGGIOLA, Osvaldo. **A Segunda Guerra Mundial**: Causas, Estrutura, Consequências. 1. ed. Editora Livraria da física, 2015.

CONSELHO MUNICIPAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. **O que é segurança alimentar e nutricional sustentável: história no Brasil e em Minas Gerais.** Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <http://www.pjf.mg.gov.br/sg/conselhos/comsea/doc/2011/segualimentar.pdf> Acesso em: 05 Fev. de 2015.

CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. **Alimentação, sociedade e cultura.** Editora Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011.

CORDEIRO, Carla de Fátima. A favela segundo Carolina. **Revista eletrônica Baleia na rede**, [S.l.], v. 1, n. 3, 2006.

CORONEL, Luciana Paiva. Da margem para o centro: a representação do negro em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. In: X Encontro Estadual de História. **O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional**, Santa Maria – RS, 2010.

CORRÊA, Ana Maria Segall. Insegurança alimentar medida a partir da percepção das pessoas. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 60, 2007.

COURTOIS, Stéphane et al. **O Livro Negro do Comunismo - Crimes, Terror e Repressão.** 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1999.

CUNHA, Ricardo Vivian da; BASTOS, Gisele Alsina Nader; DUCA, Giovâni Firpo Del. Prevalência de depressão e fatores associados em comunidade de baixa renda de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 346-54, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos.** 2. ed. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** (vol 1). Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DIAS, Eliotério Fachin. A Fome, a pobreza e o Direito Humano à alimentação adequada. **Revista Jurídica UNIGRAN.** Dourados, MS, v. 11, n. 21, 2009.

DIMITROV, Eduardo. Pintura e Identidade: formas de pintar Pernambuco por artistas locais e seus diálogos com o Sudeste. **34º Encontro Anual da ANPOCS - Seminário Temático 15: Imagem e suas leituras nas ciências sociais**, Caxambu (MG), 2010.

_____. **Regional como opção, regional como prisão: trajetórias artísticas no modernismo pernambucano.** 2013. 331f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **The FAO Hunger Map 2015**. Disponível em: < <http://www.fao.org/hunger/en/>>. Acesso em: 24 out 2015.

_____. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **The state of Food Insecurity in the World**, 2015. Disponível em: <<http://www.fao.org/3/a4ef2d16-70a7-460a-a9ac-a65a533269a/i4646e.pdf>>. Acesso em: 01 dez 2015.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Cartografando uma Literatura Menor: a Poética dos Resíduos de Carolina Maria De Jesus. **Revista Patrimônio e Memória**, São Paulo: UNESP, v.2, n.1, p. 201, 2006.

FILHO, Malaquias Batista; RISSIN, Anete. Desnutrição Energético-Proteico. In: TADDEI, José Augusto; LANG, Regina Maria Ferreira; LONGO-SILVA, Giovana; TOLONI, Maysa Helena de Aguiar. **Nutrição em Saúde Pública**. Rio de Janeiro: Editora Rubio, Edição 1, 2011.

FISCHLER, Claude. **El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1995.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1985.

FONDATION ALBERTO ET ANNETTE GIACOMETTI. Biography of an oeuvre. Disponível em: <<http://www.fondation-giacometti.fr/en/art/16/discover-the-artwork/97/alberto-giacometti/>>. Acesso em: 19 de set. 2015.

FREITAS, Maria do Carmo. **Agonia da fome** [e-book]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ: Salvador: EDUFBA, 2003.

_____. Uma abordagem fenomenológica da fome. **Revista de Nutrição**, v. 15, n. 1, p. 53-69, 2002.

GARINE, Igor de. Culture et Nutrition. In **communication**, n. 31, ed. Seuil, Paris, 1979.

GERWARTH, Robert. **O carrasco de Hitler: a vida de Reinhard Heydrich o supervisor da solução final para a questão judaica e a origem do holocausto**. Tradução Mário Molina. São Paulo: Cultrix, 2013.

GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues; NASCIMENTO, Denise Aparecida do. Favela, espaço e sujeito: uma relação conflituosa. **Revista IPOTESI**, juiz de fora, v.15, n.2, p. 51-62, 2011.

GONÇALVES, Jussemar Weiss. A Revolução Francesa e a invenção social da pobreza. **Revista Biblos**, Rio Grande, v. 23, n. 1, p. 9-24, 2009.

GRAZIOSI, Andrea. **Les Famines Soviétiques de 1931-1933 et le Holodomor Ukrainien**. Une nouvelle interprétation est-elle possible et quelles en seraient les conséquences?. *Revista Cahiers du monde russe*, v.46, n. 3, p. 453-472, 2005.

GUIBU, F. Seca e fome acirram distúrbios mentais. **Folha de São Paulo**, 31/05/98. 1º caderno, p. 17-18, 1998.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HAMSUN, Knut. **Fome**. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973.

HIJAZ, Tailine Fátima; ROSSETTO, Geralda Magella de Faria. Monsenhor benvindo e a porta sem fechaduras nem trancas: uma análise interdisciplinar da fraternidade na obra “os miseráveis”. **Revista Thesis Juris**, São Paulo, v.2, n.2, p. 535-560, 2013.

HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1970.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD - 2013. **Segurança Alimentar**. Rio de Janeiro/RJ, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005.

KEPPLE, Anne W; GUBERT, Muriel Bauermann; CORRÊA, Ana Maria Segall. Instrumentos de Avaliação de Segurança Alimentar e Nutricional. In: TADDEI, José Augusto; LANG, Regina Maria Ferreira; LONGO-SILVA, Giovana; TOLONI, Maysa Helena de Aguiar. **Nutrição em Saúde Pública**. Rio de Janeiro: Editora Rubio, Edição 1, p. 89 – 92, 2011.

KEPPLE, Anne Walleser; SEGALL-CORRÊA, Ana Maria. Conceituando e medindo segurança alimentar e nutricional. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 1, p. 187-199, 2011.

KIFFER, Ana Paula. Graciliano Ramos e Josué de Castro: um debate acerca da fome no Brasil. **Via Atlântica**, Rio de Janeiro, 2009.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Tradução de Sônia Fuhrman. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE ROY LADURIE, E. L’allaitement mercenaire en France au XVIII. Siècle. **In communications**, n.31, ed. Seuil, Paris, 1979.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A origem dos modos à mesa** (Mitológicas, 3). São Paulo: Cosac Naify, 2006.

_____. **O cru e o cozido**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. **Mito e significado**. Tradução de António Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978.

LIEBIG, Sueli Meira. Redescobrimo Carolina Maria de Jesus, cidadã do mundo. **Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura / V Seminário Internacional Mulher e Literatura**. Available: http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/sueli_meira.pdf [Accessed 25 March 2015].

MARTIN, Denise; QUIRINO, José; MARI, Jair. Depressão entre mulheres da periferia de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 591-7, 2007.

MC JUNIOR & MC LEONARDO. “Endereço dos Bailes, Rap da igualdade, Rap das armas, Rap da felicidade”. Em: **Monobloco**, faixa 11, Som livre, 2006.

MEDEIROS, Michelle. **Comensalidade: um rito de socialização vencido pela fome?** 2009. 102f. Monografia (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

_____. **Marcel Proust para além das madeleines**. Uma culinária indócil. 2014. 252f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. **Revista USP**, São Paulo, v. 37, p. 82-91, 1998.

MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

MELO NETO, João Cabral. **Morte Vida Severina**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

MONTANARI, Massimo. **A fome e a abundância: história da alimentação na Europa**. Tradução de Andréa Doré. Bauru: EDUSC, 2003.

MONTEIRO, Carlos Augusto. Fome, Desnutrição e Pobreza: além da semântica. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.12, n.1, p.7-11, 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução: Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NASCIMENTO, Renato Carvalheira do. **Josué de Castro: O Sociólogo da Fome**. 2003. 231f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

NEVES, José Luiz. Pesquisa Qualitativa - Característica, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, v. 1, n. 3, 1996.

PEIXOTO, Socorro Letícia Fernandes. **Os significados do Programa Bolsa Família na vida das mulheres: um estudo na comunidade morro da vitória**. 2010. 184f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

PEREIRA FILHO, Waldemar Rodrigues. A fome: ânsia ou carência. Uma Leitura das obras de Rodolfo Teófilo e Knut Hamsun. **Anais do seta**, [S.l.], n. 4, 2010.

PEREIRA, Rosangela Alves; SANTOS, Leonor Maria Pacheco. A dimensão da insegurança alimentar. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 21 (Suplemento), p. 7-13, 2008.

PERPÉTUA, Elzira Divina. Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 22, Brasília, p. 63-83, 2003.

PINHEIRO NETO, José Elias.; CAVALCANTE, Maria Imaculada. O Espaço e as Morte em Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto. **Revista Linguagem – Estudos e Pesquisas**, Goiás, v.13, 2009.

PINTO, Vera Lucia Xavier. **A última ceia: por uma diet(ética) polifônica**. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2000.

PINTO, Vera Lucia; MEDEIROS, Michelle. **Literatura e alimentação: delicatessen** na formação em saúde. Natal: Editora da UFRN, 2011.

POULAIN, Jean-Pierre; PROENÇA, Rossana Pacheco da Costa. O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 245-256, 2003.

QUERIDO, Alessandra Matias. Autobiografia e autorretrato: cores e dores de Carolina Maria de Jesus e de Frida Kahlo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 384, 2012.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 107ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

RASTA, Julinho; KÁTIA. Rap da Felicidade. Em: **Clássicos do Funk**, volume 1, faixa 01, Som Livre, 2008.

REBELLO, Lêda Maria de Vargas. Loucuras da fome. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 643-646, 1998.

RIBEIRO, Luís de Matos. *Holodomor: O Genocídio Ucrâniano*. Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos. **Revista IberoSlavica**, Lisboa, [201-?].

ROSSI, Paolo. **Comer: necessidade, desejo, obsessão**. 1. ed. Tradução: Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ROUANET, Luiz Paulo. **Moralidade e Pobreza**. Florianópolis, v. 6, n. 4, p. 47-55, 2007.

SANTOS, Lara Gabriella Alves dos; BORGES, Valdeci Rezende. Quarto de despejo: considerações sobre o espaço na obra de Carolina Maria de Jesus. **Caderno de resumos da JOPELIT**, v. 1, n. 1, p. 40-45, 2013.

SANTOS, Maricélia Nunes dos; SOUZA, Wagner de. Quarto de despejo – Manifestação do discurso feminino na literatura brasileira. **Revista Travessias**, Paraná, v. 5, n. 2, 2011.

SILVA, Fabrício Fonseca da; LAIA, Fernanda Gonçalves de. Um estudo comparado de “Frankenstein” e “Os Miseráveis”: questão social e liberalismo no século XIX. **Revista Espaço Acadêmico**, Paraná, n. 39, 2004.

SILVA, Jailson de Souza. **O que é favela, afinal?** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, José Carlos Gomes da. História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus. In: SEIXAS, Jacy & CERASOLI, Josiane (org). **UFU 30 Anos. Tropeçando Universos**. Uberlândia, EDUFU, 2008.

_____. Memórias da infância e juventude em Carolina Maria de Jesus (1914-1977). **Revista de Ciências Sociais ponto-e-vírgula**, São Paulo, v. 2, p. 97-112, 2007.

SILVA, Laís Martins Barros. **Análise de consumo alimentar segundo cortes de renda e acesso ao Programa Bolsa Família**. 2014. 38f. Monografia (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2014.

SILVA, Maria Eliane da. **O dever – Clarice e o animal – escrita na literatura infantil**. 2010. 138f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

SILVA, Wagner Carlos Da. Nos alagados do Recife como caranguejo: a representação do homem-caranguejo em Josué de Castro. In: XXVII Simpósio Nacional de História. **Conhecimento histórico e diálogo social** – ANPUH, Natal, 2013.

TEIXEIRA, Ana. O teatro da cura cruel. **Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, 1999.

TOURS, Gregório de, apud MONTANARI, Massimo. **A fome e a abundância**: História da alimentação na Europa. Bauru - SP: EDUSC, 2003.

VALENTE, Flávio Luiz Schieck. **Direito humano à alimentação**: desafios e conquistas. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Fome, desnutrição e cidadania: inclusão social e direitos humanos. **Saúde e Sociedade**, v.12, n.1, p.51-60, 2003.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. Os arquivos brasileiros de nutrição: uma revisão científica em nutrição no Brasil (1944-1968), **Caderno de Saúde Pública**, v. 15, n. 2, p. 303-16, 1999.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História para o ensino médio**: história geral e do Brasil. São Paulo: Scipione, 2005.

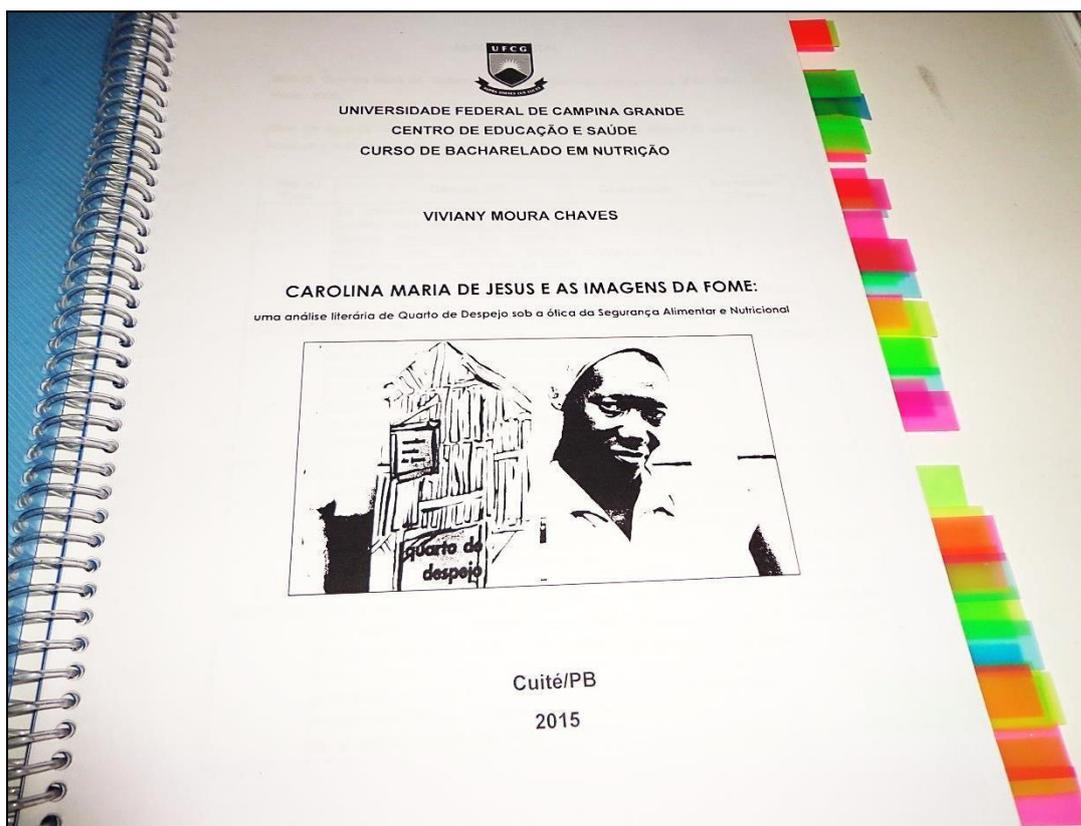
VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual: o Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus. In: SCHWARZ, Roberto. **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

YASBEK, Maria Carmelita. O programa fome zero no contexto das políticas sociais brasileiras. **Revista São Paulo em Perspectiva**. v. 2, n. 18, p.104-112, 2004.

ZALUAR, Alba. As mulheres e a direção do consumo doméstico (estudo de papéis familiares nas classes populares urbanas) In: **Colcha de retalhos** – estudos sobre a família no Brasil. São Paulo: Brasiliense S.A. 1982.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Modelo impresso do arquivo digital (capa do documento).



APÊNDICE B – Páginas do documento, marcadas em cores (verde, rosa, laranja, amarelo, azul) segundo cada categoria encontrada.

